

The image features a woman in profile, looking at a smartphone. She is positioned in front of a window that looks out onto a lush green forest. The scene is overlaid with a digital aesthetic, including a network of blue lines and nodes, and various geometric shapes like squares and circles. The text is presented in a stylized, bold font with a slight shadow effect.

Jovens em tempos digitais

Sandra Niskier Flanzer

edições





*Jovens em
tempos digitais*

The title is presented in a bold, italicized, sans-serif font. The text is centered and surrounded by a light gray graphic that resembles a circuit board or data lines. This graphic consists of several horizontal lines that branch out and connect to small circular nodes, creating a sense of digital connectivity. The overall design is clean and modern, emphasizing the digital theme of the text.



*Jovens em
tempos digitais*

Sandra Niskier Flanzer

1ª edição

Rio de Janeiro
2020

edições

CONSULTOR


UNIC

Copyright © 2020 by Sandra Niskier Flanzer

Direitos desta edição adquiridos por

Edições Consultor

Rua Visconde de Pirajá, 142 / gr. 1201 – Ipanema

Rio de Janeiro-RJ – CEP: 22410-003

Tel.: 55 21 2523-2064

Colaboração: **Marisa Cytryn Solberg**

Revisão: **Daniele Gullo**

Capa e Projeto Gráfico: **Isio Ghelman**

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F612j

Flanzer, Sandra Niskier, 1968-

Jovens em tempos digitais / Sandra Niskier Flanzer. – 1. ed.

– Rio de Janeiro: Consultor, 2020.

148 p.; 21 cm.

Inclui índice

ISBN 978-65-88511-01-5

1. Crônicas brasileiras I. Título.

20-66570

CDD: 869.8

CDU: 82-94(81)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

16/09/2020

16/09/2020

Printed in Brazil / Impresso no Brasil



Índice

Prefácio	7
Num tempo transitório	9
As fontes de mal-estar secaram?	19
Das feridas narcísicas às selfies	25
Um cotidiano de excessos	31
Queda da função paterna (ou a degradação do simbólico)	39
A mercantilização das relações	47
Vivendo através das telas	55
Quatro inversões da modernidade	61
O adolescente hoje	67
Adolescência e tecnologia	77
Novos laços	81
Quando falta palavra	89

Uma nova forma de adição	95
Hiperatividade, epidemia do século	103
Suicídio e automutilação (ausência de escrita e escrita no corpo)	111
Há transmissão de saber sem falta?	117
Há lugar para o luto hoje?	123
Um novo pacto social?	131
Portais virtuais x portas reais, ou para concluir	137
Posfácio	143



Prefácio

Temos assistido as mudanças substanciais no comportamento dos jovens, como consequência, entre outros fatores, do uso excessivo das ferramentas tecnológicas.

O uso sem limites das ferramentas virtuais tem provocado uma inversão de valores. Aos poucos, o que despontou como chance de inclusão tem enveredado para um mecanismo ainda mais potente de exclusão – o isolamento do próprio sujeito, ou de sua relação com a cultura onde vive, de seus laços sociais.

Fora isso, os profissionais de saúde mental têm se deparado com outras consequências alarmantes entre os jovens: aumento de casos de automutilação e ideias suicidas, aumento de diagnósticos de TDAH, insônia, transtornos alimentares, irritabilidades, entre outros fenômenos observados.

Com a pandemia, tudo isso se intensificou. Por outro lado, é preciso reconhecer que a vilania que vinha sendo atribuída aos dispositivos móveis cedeu lugar, e os recursos tecnológicos passaram a ser um grande aliado para o atravessamento da solidão e da reclusão compulsória causada pelo distanciamento social. Sobre tudo entre os jovens, tudo isso passou a ter uma utilidade obrigatória.

O presente livro faz parte de um conjunto de obras publicadas pela Edições Consultor, em parceria com o CIEE, e pretende analisar

esses novos laços sociais que se dão através das telas, fundamentadas num jogo de espelhos a transformar os jovens em potenciais sujeitos autossuficientes e narcísicos. Na experiência profissional, o uso destes recursos tecnológicos fornece maior conexão entre um sujeito e o outro, ou também os distanciam?

O que se pretende aqui é oferecer um espaço de reflexão, registrando os fenômenos observados pelos profissionais que estão lidando diariamente com as dificuldades advindas dessa nova realidade. A proposta é dar lugar a questionamentos importantes para o nosso tempo, que se evidenciam no dia a dia do CIEE; observações extraídas dos trabalhos que a autora Sandra Niskier Flanzer vem realizando com jovens e suas equipes, em todo o Brasil.

O papel do CIEE, exercendo uma parceria responsável em um viés social fundamental neste momento que estamos atravessando, dá lugar a um debate imprescindível sobre a modernidade e suas consequências nas novas subjetividades que se apresentam. Este livro toca em questões éticas raras e profundamente necessárias nas quais o trabalho do CIEE está pautado.

Humberto Casagrande Neto

Chanceler da Universidade Corporativa CIEE – UNICIEE



Num tempo transitório

Vivemos tempos acelerados. Nas últimas décadas, experimentamos grandes transformações culturais. O tempo parece passar mais rápido. Extremas mudanças, impulsionadas pelo avanço da tecnologia e já incorporadas na vida cotidiana, trazem a sensação de que a vida acontece num piscar de olhos. Mas essa é apenas uma das consequências que serão abordadas aqui.

A nossa relação com o tempo fundamenta o modo como nos posicionamos na vida em comunidade. O tempo é esse elemento que nos engaja numa ordem coletiva: partilhamos com outros a forma como somos igualmente cortados por ele, assim como partilhamos a tentativa de domesticá-lo. O tempo é o que nos enlaça, mas também é o que nos limita.

As observações aqui reunidas resultam de 29 anos de trabalho com a Psicanálise. Um caminho composto por impressões e fragmentos extraídos da escuta clínica, e outros tantos retirados da formação na instituição de Psicanálise¹, da formação acadêmica², de

1. Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, desde 1998.
2. Especialização em Psicanálise (Centro de Ensino, Pesquisa e Clínica em Psicanálise – CEP COP), Mestrado (1998), Doutorado (2003) e Pós-doutorado (2019) no Programa de Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

meus trabalhos em campo³ e dos cursos e palestras que ministrei⁴. Isso tudo, junto e misturado, permitiu tecer o fio das reflexões que têm me ocupado nos últimos tempos.

Como introdução, recorro a uma história que fez muita diferença na minha vida. Uma história vivida e narrada por Freud⁵ naquele que considero um de seus mais importantes textos. Trata-se de um curto diálogo entre ele e um poeta.

Talvez seja a união da Psicanálise com a poesia, o que me captura tanto nessa história. Mas, para além disso, me encanta aquilo que Freud pode demonstrar ali de forma sutil e despretensiosa, mas detentora de uma potência tão fundamental que faz o breve texto se sustentar até hoje. É assim quando se trata de uma transmissão.

Freud escreve esse pequeno artigo em 1915, e o intitula “Sobre a Transitoriedade”. É a narrativa literária de uma conversa travada entre ele e Rainer Maria Rilke⁶, enquanto os dois passeavam por exuberantes paisagens, sob um agradável dia ensolarado de verão. O poeta, durante a caminhada, confessa a Freud sua profunda tristeza pela súbita lembrança de que toda aquela beleza ali observada estaria fadada ao término. Perturbava-o a ideia de que tudo aquilo desapareceria logo mais, na sobrevivência da próxima estação, assim como estariam destinados à extinção a beleza e o esplendor das obras de arte que o homem é capaz de produzir com as mãos. A tristeza humana – argumenta o poeta – se justificaria pelo fato de toda criação ser despojada de seu valor, uma vez fadada à transitoriedade.

3. Como psicóloga escolar (1992-1995 e 2005-2009), pesquisadora do Instituto Nacional de Câncer, RJ, e professora.

4. Mais de 15 cursos na Casa do Saber, RJ, palestras e consultorias em escolas, universidades e empresas do RJ e do Brasil.

5. Sigmund Freud foi um médico neurologista (Viena, 1856-1939) que, a partir da descoberta do Inconsciente, fundou a Psicanálise.

6. Rainer Maria Rilke foi um poeta de língua alemã, que viveu entre 1875 e 1926, nascido em Praga e falecido na Suíça.

Freud inicia sua resposta ponderando que esta propensão de tudo que é belo e perfeito à decadência pode dar margem a dois impulsos: ou um penoso desalento – tal como o sentido pelo jovem poeta – ou pode vir a consistir numa revolta, numa rebelião contra o triste fato de que a arte e a natureza são perecíveis.

Mas Freud surpreende e vai mais além, respondendo ao poeta de modo decisivo e menos pessimista do que de costume: “Essa exigência de imortalidade, por ser tão obviamente um produto de nossos desejos, não pode reivindicar seu direito à realidade.” Ele discorda veementemente da afirmação de que a transitoriedade imputa às coisas vivas um decréscimo de seu valor. Ao contrário, diz ele, implica um aumento: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de um desfrute eleva o valor desse desfrute”.⁷

Sim, a vida – Freud nos faz lembrar aqui e em tantos outros textos – é passageira. Mas esse fato é precisamente o que a torna mais interessante e bonita de ser levada.

Remonta aos primórdios da existência humana a tentativa de superar a mortalidade, suplantar a passagem do tempo ou, em termos mais amplos, dominar a finitude. E foi precisamente essa insistente tentativa que nos permitiu produzir – bem mais intensamente nas últimas décadas – profundos avanços científicos e tecnológicos. Avanços que hoje nos permitem viver melhor e com mais longevidade. São ofertas de recursos que encurtam longas distâncias, prolongam curtos limites. E, com isso, alteram a nossa noção de tempo e espaço. Dispositivos que permitem o amplo acesso ao mundo, bem na palma das mãos, ao alcance de um clique. Estamos cotidianamente marcados por esses avanços, determinantes de nos-

7. FREUD, S. (1915) Sobre a transitoriedade. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

so comportamento na cultura, e que se apresentam numa marcha irreversível que, por isso mesmo, não tem porque ser combatida.

Enquanto escrevia esse livro, fui contemplada com um link 3D⁸ que me permitiu visitar virtualmente a casa de Freud, em Londres, lugar onde ele passou seus últimos anos. Adentrei nos meandros da biblioteca de Freud, deitei-me no seu icônico divã, tudo isso dispondo apenas de um *smartphone*, e é de cima do vão central de sua escrivaninha que escrevo essas linhas de agora. Que a poltrona de onde Freud extraiu os fundamentais preceitos teóricos e os mais importantes ensinamentos clínicos para a compreensão do mundo em que vivemos esteja, agora, a um clique de meus dedos, me causa uma alegria incontestável. De fato, não podemos minimizar os claros e agradáveis benefícios do progresso tecnológico.

Mas escolhi começar contando essa história freudiana sobre a transitoriedade por considerar que ela ilustra magistralmente algumas das principais diferenças que a modernidade, na forma como está colocada hoje, traz para nós, psicanalistas, em nossa prática. São diferenças que exigem alguns cuidados e que também falam bem de perto aos profissionais de saúde mental, aos educadores, aos pais, e sobretudo aos jovens.

Somos sujeitos imersos nessa modernidade; vivemos, todos, tempos fugazes. A aceleração do tempo, a pressa na qual mergulhamos nossos investimentos libidinais (nossas relações), o acúmulo de tarefas do dia a dia e a hiperconectividade são apenas alguns aspectos dessa temporalidade fugidia que traz substanciais consequências psíquicas que pretendo, aqui, retratar.

O tempo opera um corte na perspectiva de imortalidade: não duramos para sempre – fato inexorável, democrático e comum a to-

8. Link de acesso: https://my.matterport.com/show/?m=Pa3RmEYV-qe3&utm_source=hit-content-embed&fbclid=IwAR0eymAUFtZBS_sPO47wxyXkrh5KfwKUaxqBZJDtArxiYvrbrFvPeEi99dc

dos –, sendo a vida esse quantum de tempo que nos é ofertado ao nascer e que nos lança na tarefa diária de querer usá-lo da melhor forma possível, ou seja, aproveitá-lo com desfrute.

O tempo é um limite. Para a Psicanálise, esse limite temporal é um correlato da castração, de uma restrição imposta pela estrutura e que se impõe ao sujeito. Pertencer a uma cultura, repito, nada mais é do que dividir, compartilhar um mesmo tempo com alguns outros, inserir-se num modo combinado de operar com esse tempo junto a alguns próximos.

Esse imperativo limitado que é o tempo (esse bem fluido que adquirimos ao nascer) impõe ao sujeito a confirmação de sua condição de mortalidade: por ser limitada, e por ser, em si mesma, um limite, essa temporalidade conseqüentemente impõe aos objetos de desejo, também, um término. A verificação da finitude do objeto que amamos denuncia a nossa própria condição perecível.

Os adventos tecnológicos, incluindo a internet, com suas ofertas ininterruptas de novidades e recursos, transformaram o mundo, principalmente na forma como nos movimentamos nele. Em um curto espaço de tempo (se comparado a outras notáveis mudanças ocorridas na humanidade ao longo de séculos de história), nos tornamos fortemente adeptos ao consumo desses sedutores objetos que nós mesmos tratamos de inventar, sem descanso, e que prometem, com uma velocidade cada vez maior, a aquisição imediata daquilo que nos falta.

O avanço da tecnologia visa principalmente a diminuir a separação, sempre experimentada com dor, entre o sujeito e o Outro. Mas, sobretudo, coloca ao alcance das mãos e dos olhos uma oferta de superioridade em relação a esse limite temporal que Freud descreve como sendo nossa primária condição humana. Os recursos tecnológicos não oferecem nada muito além da chance de que possamos usar melhor o tempo, gastando cada vez menos desse precioso bem em prol da melhor eficiência diante de um acúmulo cada vez maior de tarefas.

E isso é cativante: vemos a agilidade e a eficácia da utilização do tempo nos alçando a um patamar quase sublime. É incrível que tenhamos soluções que nos permitam evitar as filas de banco. É impressionante que possamos adquirir produtos on-line. É uma maravilha que possamos nos comunicar por videoconferência com quem está longe.

Mas, será que a tecnologia realmente diminui a separação entre o sujeito e o Outro? Se sim, a que preço?

Essa parábola, tal como jamais suporia Freud há pouco mais de um século, lança clara luz sobre a atual conjuntura em que vivemos, a operação de uma mudança radical na civilização: de uma cultura da transitoriedade para uma cultura do imediatismo. “Somos passageiros” (tal como a flor que entristece o poeta), mas agora imersos numa torção que fundamenta uma mudança de perspectiva: quase nada é feito pra durar. E podemos incluir aí não somente os objetos que compramos, os *gadgets* que utilizamos, o lixo inorgânico que produzimos (e que não se decompõe), mas também os relacionamentos amorosos, as amizades, as relações de trabalho etc. Enfim, nossos laços.

Tudo isso interessa especialmente no que tange aos jovens de hoje – que, tendo bebido na fonte dessa mudança desde o nascimento, encontram específicas dificuldades na chegada à vida adulta.

A conversa de Freud com o poeta nos permite tocar também noutro aspecto essencial, sobre o qual se fundamenta todo o edifício psicanalítico: o fato de que, durante a vida do sujeito, algo se perde. Enquanto, na natureza inumana, não há perda – como comprova Lavoisier⁹, “nada se perde e nada se cria, tudo se transforma” – a natureza humana é marcada por uma perda. Na natureza

9. Antoine-Laurent de Lavoisier (Paris, 1743-1794) foi um nobre e químico francês fundamental para a revolução química no século XVIII, com grande influência também na Biologia. É considerado o “pai da química moderna”.

inumana, para cada animal há um objeto de satisfação correspondente, enquanto para o sujeito não há um objeto que corresponda totalmente ao seu desejo¹⁰. Necessariamente sofremos dessa perda ao mesmo tempo em que ela é precisamente o que nos constitui. Somos feitos dessa matéria chamada falta, resultamos de uma desigualdade.

É duro reconhecer, mas não podemos deixar de considerar esse fato de estrutura, e o tema da transitoriedade vem também nos lembrar que é a falta que nos move. Não existiria movimento e não existiria desejo se não houvesse falta.

Imaginemos o exemplo lúdico do jogo do “resta um”¹¹: se o tabuleiro estivesse completo, não haveria jogo, não haveria impulso, nem circulação possível. Para que haja movimento, para que possamos minimamente nos dirigir àquilo que nos falta, é preciso que haja um espaço vazio. É isso que nos caracteriza como humanos, é o que nos difere dos outros animais: o inevitável desencontro entre aquilo que desejamos e aquilo que, de fato, podemos encontrar. Há uma incorrigível discrepância entre um e outro.

Essa discrepância (que também podemos chamar de diferença, ou alteridade), foi se tornando cada vez menor com o advento da tecnologia. Um intervalo cada vez mais reduzido, que pode ser experimentado nas situações mais coloquiais: não tiramos horário de almoço, não olhamos pro céu enquanto esperamos o metrô, não desligamos o som quando chegamos em casa, não paramos de checar o *smartphone*. Diante disso, o que nos resta de espaço vazio – justo esse, que possibilitaria qualquer movimento, qualquer criação?

10. A noção de desejo é muito extensa, em Psicanálise. Por ora, vale ressaltar que se trata de uma vontade do sujeito que não pode ser inteiramente satisfeita.

11. Jogo de tabuleiro que consiste em pular uma peça sobre a outra, eliminando as peças puladas até que reste apenas uma.

Vivemos num “cotidiano líquido”, como nos mostrou Bauman¹². Ao mesmo tempo, trata-se de um cotidiano em que nada pode ser liquidado, no sentido de não suportarmos essa finitude que nos move. Ao trocarmos a “finitude” pela “não durabilidade”, é como se o luto (um certo reconhecimento necessário da perda e de algum limite) ficasse sem lugar. Não estamos mais suportando (nos dois sentidos) os intervalos. Os espaços vazios estão sumindo do mapa.

Com o uso excessivo da tecnologia, passamos a viver massacrados por uma continuidade temporal sugerida pelo acúmulo de informações e pela permanência de ligação com o outro. Vivemos antenados, presos nas redes feito bichos, conectados 24 horas por dia, sete dias por semana, o que nos dá a (virtual) sensação de que o tempo é contínuo, sem perdas, sem faltas, sem pausas. Vivemos numa excitação permanente, como numa comemoração sem fim, uma festa sem fresta.

A obrigação que as redes sociais impõem (porque permitimos, se nos entregamos a isso) é de que nos infinitizemos, produzindo um semblante permanente que irradia beleza e felicidade, ininterruptamente, como se isso fosse realmente possível. Nossos avatares (imagens que nos representam) são sempre impecáveis, perfeitos. Para isso, inclusive, fomentamos a participação dos outros, nossos companheiros nesse estranho projeto de retroalimentação permanente, na busca de uma demanda por um olhar que veja – e confirme, com esse olhar – a parceria num gozo¹³ perpétuo e sem intervalos.

12. Zygmunt Bauman foi um sociólogo polonês, falecido em 2017. Suas mais de 50 obras e diversos artigos se dedicam a temas como o consumismo, a globalização e as transformações nas relações humanas.

13. Gozo é um tipo particular de satisfação, uma satisfação inconsciente para o sujeito (portanto, sobre o quê ele não tem controle) e que se dá através de uma repetição.

Tudo isso, quando levado ao extremo, pode nos conduzir ao sofrimento psíquico.

Portanto, é preciso ter cuidado com o que queremos. Pois o nosso ideal de imortalidade também pode nos encaminhar para um vampiresco modo de funcionamento, tão radicalmente diferente do que Freud nos propôs quando afirmou, poeticamente, que a transitoriedade é a causa – e não o obstáculo – para qualquer desfrute.

As fontes de mal-estar secaram?

A relação entre a finitude do tempo, o modo como o sujeito experimenta esse limite e a sua busca por dominá-lo pode ser contextualizada a partir de uma indicação freudiana situada no texto *O Mal-estar na Civilização*¹⁴.

Ali, Freud apresenta o que seriam as fontes inevitáveis de sofrimento para o sujeito, ou, em outras palavras, seu preço a pagar por pertencer a uma cultura. Estar inserido num grupo, ou numa determinada cultura, traz para o sujeito a sensação de segurança e proteção. Em contrapartida, é preciso “civilizar-se”, ou seja, submeter-se a um conjunto de regras próprio àquela cultura, servir a ela e também apagar-se nela. Esse preço a pagar, inevitável e intransferível, Freud chama de mal-estar.

Ele cita três específicas causas para o mal-estar: o mundo externo, ou a força da natureza (predominante em relação ao homem), o relacionamento com o outro (indigesto, espinhoso) e o próprio corpo (perecível, submetido ao término). Essas três causas descritas nos dão notícias de que viver numa civilização obriga o sujeito a uma série de restrições. É custoso o ingresso na cultura: esse

14. FREUD, S. (1930) O mal-estar na civilização. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

preço equivale a uma supressão de prazer. Estar em comunidade implica em não poder mais fazer o que convém, e, em troca, poder participar da viagem, com maior garantia, e gozando da companhia de alguns com quem se compartilha essa mesma jornada.

Na terceira fonte de sofrimento, Freud classifica este corpo como estando “condenado à decadência e à dissolução”, nem mesmo podendo dispensar a dor e a angústia como sinais de advertência. É o mal-estar sentido diante da impossibilidade da perenidade, a que tanto a natureza quanto o próprio homem estão sujeitos.

O modo como uma cultura se funda é análogo ao modo como o sujeito se constitui. Ou seja, somos moldados por uma restrição, um limite. Limite esse que se apoia nas leis da natureza, alheias ao homem e a seus anseios, se organiza em torno de um conjunto de convenções designadas para que convivamos em sociedade, e se apoia no precívél do corpo (também alheio à vontade humana).

À entrada na cultura e à constituição do sujeito, tal como Freud as descreve, podemos equivaler também a entrada do jovem na vida adulta. Temos visto as enormes dificuldades que o adolescente encontra hoje para que isso possa se dar de um modo saudável. Realmente, não é simples nem trivial tornar-se adulto.

Não é fácil, pois aquilo que os sujeitos pedem, e o que desejam realizar na vida, consiste num “esforço para obterem a felicidade; querem ser felizes e assim permanecer”, lembra Freud. Buscamos a felicidade. Mas frequentemente nos esquecemos de que há um preço a pagar por ela. Há um custo por estarmos assegurados em uma cultura, tiquete de entrada para termos algum acesso a ela: é necessário cedermos a uma quantidade nada insignificante de satisfação para nos portarmos adequadamente, para nos inserirmos convenientemente, à diferença dos animais que agem de modo selvagem e por instinto.

Apesar do alívio experimentado pela inserção num laço que pode ser alegremente compartilhado, esse preço que pagamos é o

submetimento a um conjunto de regras e restrições que este mesmo laço impõe. A civilização é, portanto, um dom ambíguo, que promove sentimentos ambivalentes: promove alívio e segurança, mas é também nosso inferno.

O exemplo mais claro dessa ambiguidade que nos constitui como sujeitos Freud pega emprestado de Schopenhauer¹⁵. É o dos porcos-espinhos que se congelam, uma alusão exposta em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*¹⁶ (outro texto de suma importância que toca nas complexidades da subjetividade que nos concerne), a propósito da natureza das relações emocionais que caracterizam os homens em geral.

Eis o exemplo: os porcos-espinhos, para se aquecerem em dias de inverno, buscam se aproximar. Assim parecem se salvar da morte e do congelamento, um aproveitando o calor emanado do corpo do outro. Logo, porém, começam a se incomodar com os espinhos, pois, com a proximidade excessiva, eles se espetam. Então, passam a querer se afastar. Mas aí o frio chega e eles precisam novamente se aproximar. E aí eles se espetam até quase a morte e precisam se afastar... Ficam assim, indefinidamente, impulsionando-se para trás e para frente, trocando de um problema para outro, visto que “nenhum deles pode tolerar uma aproximação demasiado íntima com o próximo. As provas da Psicanálise demonstram que quase toda relação emocional íntima entre duas ou mais pessoas, que perdura por certo tempo, contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência do recalque”¹⁷.

Ao sujeito, está lançada a mesma sorte que a dos porcos-espinhos: nos aproximamos e nos afastamos indefinidamente, sempre

15. Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão (Prússia, 1788-1860).

16. FREUD, S. (1921) *Psicologia das massas e análise do eu*. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

17. Idem.

incomodados com a presença ou ausência do outro, experimentando fastio ou saudade, sempre com algum mal-estar. Não há, sob o céu de qualquer país pertencente ao globo terrestre, um sujeito para quem o dilema dos porcos-espinhos tenha se solucionado de maneira definitiva. Muito menos justa.

Esta condição tão presente no funcionamento do sujeito talvez explique, em parte, a força com que a tecnologia progrediu, a serviço de promover uma individualização. A proliferação de ferramentas que oferecem autonomia, que prometem ao sujeito poder prescindir do outro, é inegável. A grande maioria dos aplicativos inventados para agilizar a vida cotidiana vai nessa direção, e mesmo aquelas atividades de lazer que nunca puderam ser realizadas individualmente (jogos, por exemplo) atualmente promovem um novo tipo de socialização, que dispensa o contato físico com o outro e termina por levar o sujeito ao isolamento, à falta de convívio social.

Uma das principais questões que preocupam os pais e educadores hoje é essa tendência ao isolamento, observada nos jovens. Há muitos casos de crianças que não saem mais de casa, e um aumento significativo de casos de jovens viciados em jogos eletrônicos e outros atrativos da internet, para quem já quase não há Outro. Suficientes em suas redes ou em ambientes fechados, e protegidos por telas, esses jovens vão desaprendendo as artimanhas e o traquejo do convívio social, enfraquecendo (por falta de treino) a musculatura dos exercícios básicos de civilização, e com isso dispensando, ou deixando de adquirir, aquela resiliência necessária que passa pela experiência dessa espinhosa mas imprescindível relação com o outro.

A restrição do gozo como condição da vida no laço social consiste em levar em conta que existe um Outro e que, portanto, é preciso respeitá-lo – assim como se respeita um sinal vermelho. Ou ainda, levar em conta o coloquial fato (que parece tão simples, mas

tem encontrado resistências a ponto de precisar ser imposto a fórceps) de que, quando um professor fala, é hora de ouvir; quando um pai diz “chega”, é hora de parar.

Há inúmeros exemplos de como esta corriqueira configuração (o estabelecimento de lugares díspares para que um ensino se transmita) anda dificultada nos dias de hoje. As amarras sociais já não se incumbem, com tantas garantias, de realizar para um sujeito esse processo de pertencimento a um conjunto de leis compartilhadas (que, em Psicanálise, chamamos de Simbólico).

A confiança na relação entre o jovem e os adultos que o cercam importa muito para o assentamento dessa simples diferença, da instalação de lugares díspares. É de dentro de um laço de confiança que isso pode se dar.

Há pouco, mencionei que é cada vez mais nítida e preocupante a tendência ao isolamento do jovem, mas é preciso fazer uma distinção entre isolamento e solidão. Apesar de isolado, o sujeito moderno encontra-se bastante acompanhado. Fazem-lhe companhia as centenas de mensagens que recebe por minuto, as continuadas falas que chegam sob várias fontes, os prolixos áudios procedentes de diversas mídias, as ininterruptas notícias (inclusive as *fake news*), enfim, toda a sorte de aparições alheias a ele mesmo, que terminam por lhe fazer companhia 24 horas por dia. Então, apesar de isolado, esse jovem não está só, o que de longe não significa um bom sinal. Essa permanente e excessiva companhia termina por adiar o mal-estar que seria desejável que ele experimentasse, para que seu ingresso no mundo pudesse ser pago, devidamente.

Das feridas narcísicas às selfies

Foram três as feridas narcísicas que, ao longo da história da humanidade, propiciaram um deslocamento do lugar central que esta ocupava. Feridas que obrigaram a humanidade, por dizer assim, a “descer do salto”. A primeira foi provocada por Copérnico¹⁸, com a descoberta de que a terra não era o centro do universo (mas, sim, o sol). A teoria heliocêntrica retira a suposição de que habitávamos um lugar central, de importância *princeps*.

A segunda ferida foi causada pela descoberta darwiniana¹⁹ de que nós e os macacos temos o mesmo ancestral; somos primatas e não nascemos da providência divina. O evolucionismo é uma ruptura na crença humana de que fomos criados por Deus, e retira do homem, segundo Freud, o ideal de ter sido feito à sua imagem e semelhança, relegando a raça humana a um mero lugar de apenas mais um descendente dos animais, como qualquer outra raça viva da natureza.

18. Nicolau Copérnico (1473-1543) foi um astrônomo e matemático polonês. Foi também cônego da Igreja Católica, governador e administrador, jurista e médico.

19. Charles Robert Darwin (1809-1882) foi um naturalista, geólogo e biólogo britânico, célebre por suas descobertas sobre a Evolução, no campo da biologia.

A terceira ferida narcísica foi implementada pela própria descoberta freudiana: ao perceber que a consciência é apenas um lugar de atenção, pontual e efêmero, e descobrir que o Inconsciente é a real e decisiva sede dos desígnios que comandam a vida do sujeito, desloca-se irreversivelmente a forma como a humanidade compreende a si mesma. Assim como as duas que a antecederam, essa descoberta impôs ao sujeito a verificação de não ser mais o centro do universo. A partir das manifestações que confirmam a presença do Inconsciente, o sujeito passa a não ser mais “senhor em sua própria casa”. Quem determina a sua vida é uma dimensão Outra, apesar dos anseios da consciência e dos projetos volitivos que o sujeito insiste em tentar colocar no volante.

As invenções tecnológicas prometem responder a todos esses golpes que se impuseram historicamente sobre o sujeito: tanto a entrada na cultura, com suas conseqüentes fontes de mal-estar, quanto as feridas narcísicas. Pois, ao mesmo tempo em que o sujeito ganha um certo conforto por estar inserido num laço, ele parece não suportar ser apenas mais um, em meio a tantos outros. As patologias de hoje iluminam bem isso.

É um drama da contemporaneidade o fato de que, apesar da autovisualização permanente que ele faz de si e da ampla divulgação das suas *selfies*, o sujeito ainda não tenha acesso a um saber sobre si mesmo suficiente para acalmá-lo. Ao contrário: apesar da excessiva superexposição de imagens de si (fenômeno que faz retomar o conceito de narcisismo mas o eleva a patamares não mais constitutivos, e sim epidêmicos), suas diferenças tendem a ser minimizadas.

Quanto mais um jovem compartilha sua imagem, mais popularidade ele adquire, num sistema narcísico que se retroalimenta.

Há uma força que nos move na direção de acabarmos todos refletidos como iguais, um risco de sermos determinados pelas mesmas telas. Um forte empuxo à pasteurização, nos pressionando

por todos os lados. Isso convida o sujeito, de um lado, ao conforto do anonimato. Do outro, a uma busca contínua e desassossegada por um lugar individualizado e único, que possa voltar a dizer de cada um.

Ao mesmo tempo em que quer se sentir “ajustado”, o sujeito quer ser único, quer ser “alguém”. De modo que a tecnologia, embora tente, não consegue suturar suas feridas. A exacerbação do narcisismo é prova disso. Ao mesmo tempo, ela representa seu maior risco, pois, se levado ao extremo, o uso das ferramentas tecnológicas pode impedir um sujeito de entrar em contato com suas próprias feridas, constitutivas. Marcas que são responsáveis por relançá-lo ao movimento de busca (enquanto ainda “restar um”).

Estamos percebendo que o sofrimento contemporâneo se difere daquele com o qual Freud se deparou. Hoje ele encontra outras formas de se manifestar na cultura. No entanto, ainda sofremos. E muito. Quais são as feridas pelas quais sofremos hoje?

“Nada é mais difícil – diz Freud citando Goethe²⁰ – do que uma sucessão de dias bons”. A infelicidade (por mais estranha que pareça essa afirmação) pode ser mais fácil de suportar do que a felicidade.

“Somos organizados de tal modo que só podemos desfrutar intensamente o contraste, e muito pouco do estável”, diz Freud²¹. Vimos que o sujeito se constitui de modo correlato à constituição de uma civilização: a partir de renúncias à liberdade. Há um custo – o das restrições –, para se estar vivo e assegurado por uma cultura.

O desejo humano, que passa obrigatoriamente pela lingua-

20. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) foi um autor e estadista alemão que também fez incursões pelo campo da ciência natural. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu.

21. FREUD, S. (1930) O mal-estar na civilização. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

gem, se organiza assim também: em torno do que é experimentado como renúncia – e, portanto, vivido como perda. Falar com alguém, essa corriqueira atividade que realizamos despretensiosamente e que parece tão simples, endereçar ao Outro o nosso mal-estar, é um movimento que não se fecha definitivamente e nunca será completo, nunca está terminado.

Eis uma ferida, sempre aberta: quando um sujeito abre a boca para falar, um hiato se coloca entre o que ele diz e o que o outro escuta, o que equivale dizer que um significante sempre remete a outro significante²², metonimicamente.

Estamos, como sujeitos, pautados por uma lógica em que nenhum objeto (por mais promissor que pareça e por mais acessível que seja) é tão bem dotado a ponto de ser capaz de preencher perfeitamente a nossa falta; a satisfação total é impossível, do mesmo modo como nenhuma palavra pode se tornar, para o ser falante, o equivalente perfeito de algo que ele deseja. Então, apesar do bombardeio de palavras que o sujeito recebe instantaneamente, resta uma boca aberta.

Admitir que somos seres de linguagem é nada mais nada menos do que admitir que a lei que nos rege enquanto humanos, essa que compartilhamos, é a lei do Simbólico, sendo cada elemento dessa linguagem símbolo de uma pura perda.

É impossível dizer tudo, em suma. Sempre resta algo resistente à formalização, ou seja, há um impossível de dizer. Enquanto ainda faltar algo por ser dito, ainda restarão feridas – essas, que nos fundaram enquanto humanos. A partir da descoberta freudiana (terceira a arrancar o sujeito do lugar de centro do universo), passa-

22. A noção de significante é tomada da linguística por Lacan para designar a prevalência das palavras sobre o sentido que elas contêm, ou seja, a prevalência do significante sobre o significado. Um significante pode conter diversos significados.

mos a não poder mais desconsiderar que o caminho de um sujeito pela vida não é traçado por suas conquistas e bens positivados, mas, sim, – e sobretudo – por suas feridas, suas marcas adquiridas em forma de covo, suas perdas.

Quer estejamos falando dos desígnios da humanidade frente ao universo, quer estejamos falando do percurso de cada pequeno sujeito em sua saga mais particular e privada, trata-se sempre de poder seguir por essa via que oferece um furo na promessa de totalidade narcísica, no ideal de integração absoluta com o outro (encapsulado na imagem de si, tal como proposto pelas *selfies*). Trata-se sempre de manter aberta uma ferida que não se pode nem deve curar.



Um cotidiano de excessos

Basta olhar pela janela (em vez de fixarmos nosso olhar na tela de um dispositivo eletrônico) para observarmos como o mundo se tornou excessivo. Atentemos para o problema do lixo, uma questão global: a humanidade produz muito mais lixo do que a sua capacidade de reabsorção, e não há reciclagem ou coleta seletiva que dê conta. Se, na natureza, não há perdas, pois tudo se transforma, na humanidade tudo falta ou sobra, é nossa condição. E a modernidade tem escancarado veementemente essas sobras.

Vivemos na era do acúmulo de objetos. O incentivo ao consumo leva ao amontoado de itens cada vez mais disponíveis, acessíveis e ao alcance das mãos. Somos uma geração de acumuladores.

Paradoxalmente, é um acúmulo de objetos (concretos ou virtuais) que não livra o sujeito para poder utilizá-los, pois um cotidiano entupido de afazeres não oferece tempo hábil pra isso. Uma criança, muitas vezes, acaba não tendo a chance de brincar com a excessiva quantidade de objetos que adquire. São milhões de “brindes” trazidos para casa, lotando o armário de recordações de uma festa que o pequeno mal pode aproveitar.

Esse assoberbamento é também um excesso de informações: experimentamos o acúmulo de notícias jorradas constantemente

numa quantidade bem maior do que nossa capacidade de absorvê-las. É também um excesso de comunicação: acumulam-se desde o momento em que abrimos os olhos ao acordar mensagens que não daremos conta de ler, quanto mais de responder.

Até bem pouco tempo atrás, a carta – essa forma de comunicação arcaica e já quase extinta do mapa – era a representante principal de um modelo de troca que incluía, no mínimo, um espaço necessário entre o destinatário e o remetente. Espaço que veio sendo banido da cultura em poucas décadas. Algumas dessas características foram mantidas com o advento dos e-mails. Mas, hoje, um jovem de 18 anos mal sabe o que é um e-mail – essa tecnologia que surgiu transformou o mundo e o nosso modo de nos comunicarmos e desapareceu, tudo isso em apenas três décadas.

A proliferação de mensagens instantâneas, com indicadores de leitura que notificam instantaneamente ao emissor que já chegaram ao destino, vêm encurtando não apenas as distâncias (espacial e temporal) mas também, e principalmente, vêm estreitando o constitutivo intervalo entre o sujeito e o Outro. Intervalo necessário – apesar dos pesares, do sentimento de falta, da eventual solidão, do vazio. Mas é também um intervalo que sempre se mostrou um importante recurso, aliado do sujeito nos momentos de tensão e embate, horas em que a relação com o semelhante espeta, como vimos no exemplo dos porcos-espinhos.

É como se não acreditássemos mais nesse pequeno espaço, constitutivo, que pode e deve haver entre o sujeito e o Outro.

A proliferação de mensagens no cotidiano moderno nos força a um acúmulo de palavras indiferentes, inócuas e dispensáveis. Com isso, imputa-nos uma tarefa diária a mais: separar “o joio do trigo”. Em meio ao mar de recebimento de palavras, há as que desejamos absorver, há as que precisamos tratar, e há as que não nos importam para nenhum fim. Fora isso, junto com a “confirmação

de recebimento” (essa peremptória característica acoplada à mensagem que vem do outro), o jovem, que se encontra numa situação de vulnerabilidade diante do mundo por estar se perguntando sobre seu desejo, também acaba empurrado a ter que “se confirmar” diante do outro, permanente e imediatamente.

Ocorre assim um encurtamento do processo pelo qual todo adolescente precisa passar, processo formador que não pode ser dispensado, e as consequências dessa economia serão descritas mais adiante.

Tudo isso seria natural, não haveria porque nos alardearmos, se observássemos que todas essas mudanças trouxeram mais felicidade, contentamento e realizações; em suma, se colhêssemos como resultado a verificação de que essas transformações finalmente ajudaram a aplacar a angústia milenar e incurável do sujeito.

Mas não é o que se percebe no campo da saúde mental. Se, por um lado, não é possível exercitar um saudosismo em relação a essas mudanças, muito menos condenar os avanços tecnológicos radicais que inseriram alterações tão importantes em nosso comportamento; se não há caminho de volta, nem há utilidade no culto inócuo à nostalgia de antigos tempos ou ao modo como as relações funcionavam antes, por outro lado é inevitável, e urgente, que possamos reconhecer a necessidade e a importância de uma pausa. Pausa que, no mínimo, nos convoque a alguma responsabilidade sobre essas questões.

Que lugar resta para o sujeito, numa cultura sem intervalos? O que esperar de nossos jovens, se seus ideais de hoje são extraídos pessoalmente das telas (qualquer *digital influencer* desempenha esse papel para o adolescente), se suas identificações são determinadas pelas compulsões (sempre na direção de novos e melhores *gadgets*) e por algoritmos manipulados pelas leis do mercado? Por que nos rendemos com tanto entusiasmo a essa dimensão puramente Imaginária, proposta e fomentada pelas redes sociais?

Mas é curioso: essa festa ininterrupta, compulsória, propagada pelas mídias atuais, não se difere muito do que Lacan conceitua sobre a angústia²³. A ausência de contrastes, a anulação das diferenças nessa estranha pasteurização que o sujeito moderno anda buscando, também pode ser a sua maior fonte de angústia. Que tiro no pé!

Pois estar ininterruptamente feliz, de certo modo, se assemelha a estar ininterruptamente angustiado, no sentido de não haver modulação, tempero, mediação. É uma unificação da emoção, uma homogeneização do afeto – algo que impede, de todo modo, a sustentação da diferença. Se não há tristeza que dê ao sujeito notícias de sua alegria (ou vice-versa), tudo se equaliza numa espécie de amortecimento. Um abrandamento do que é, no final das contas, mais humano.

É como nos ensina Clarice Lispector: “minha alegria também vem da minha mais profunda tristeza; e a tristeza é uma alegria falhada”²⁴. Qual lugar para a falha hoje?

Então, podemos entender que as transformações radicais ocorridas no mundo, com ênfase nas últimas duas décadas, de modo a não considerar a pausa, o intervalo, a modulação dos afetos e a distância entre o sujeito e o Outro, têm trazido como efeito a angústia.

Nas palavras de Bauman, “o resultado do progresso é um bem muito escasso em um mar de infelicidade”²⁵.

Desde os mais primórdios tempos civilizados, endereçamos ao Outro nossas perguntas fundamentais: de onde viemos? Para onde vamos? Como iremos aplacar a inquietude que nos habita,

23. LACAN, J. *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro, Zahar, (1963) 2010.

24. LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. A escritora, uma das maiores do Brasil, nasceu na Ucrânia em 1920 e faleceu em 1977.

25. BAUMAN, Z. *O retorno do pêndulo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

oriunda do desencontro entre aquilo que queremos e aquilo que desejamos? Como dissolver o mal-estar advindo das tantas restrições impostas pela cultura?

Ora, o avanço da tecnologia, ele próprio, é evidentemente uma resposta a essas perguntas. Se não houvesse a expectativa de encurtamento dessa distância entre o sujeito e seu objeto de desejo, a humanidade não teria inventado a roda, e depois o carro; o telefone; a TV, e depois o controle remoto. Se não fosse o anseio de imortalidade, a humanidade não teria inventado a penicilina, ou todos os medicamentos de última geração, que prometem aplacar a dor, inclusive a de existir. Isso para citar somente alguns exemplos.

Mas, a esse desejo de encurtamento (da distância entre o sujeito e aquilo que lhe falta), essa recente e fulminante evolução tecnológica tem proposto a oferta de um objeto que supostamente corresponda a todas as demandas imagináveis, bem como as inimagináveis. Um objeto que corresponda à felicidade plena, à satisfação total.

Mas ocorre que, por razões de estrutura, essa satisfação fracassa. E ela não fracassa pelo fato de que esse objeto, proposto pela tecnologia, nos chega sempre um pouco mais ou um pouco menos satisfatório, sempre insuficiente. Ela fracassa porque essa é uma condição intrínseca ao sujeito, interna à sua estrutura, é uma condição própria de sua constituição como sujeito dividido e inserido na linguagem.

Somos seres de linguagem. Somos criaturas imersas num sistema que preexiste a nós, e que também sobrevive ao que fazemos com isso. É a própria linguagem que altera a natureza da nossa necessidade. Para o humano, como vimos, a necessidade está perdida desde o nascimento, essa é a condição do ser falante: a realização de nossos desejos não se basta através da biologia. Ou seja, para o ser falante, à diferença dos outros animais, não há um objeto que cor-

responda totalmente às suas necessidades. Então, apesar de todos os esforços na direção de que isso não nos comande, ainda estamos sujeitos à linguagem. Ainda somos sujeitos de linguagem.

Por essa condição, desde os mais remotos tempos, o homem tem inventado todo tipo de explicação, na busca de compreender o que lhe falta. O mercado é um dos elementos modernos que servem a essa busca do sujeito, afetado de saída por uma carência incurável (que Freud chamou de desamparo²⁶), enraizada na própria estrutura da linguagem: não se diz tudo, cada palavra remete sempre a uma outra, não se determina nem termina num sentido único, não se embota em si mesma, vale repetir.

Desde o nascimento – seu momento inaugural, sua entrada no mundo –, o sujeito é impelido a esse desamparo radical, que nem mesmo o objeto mais completo, inventado para os fins mais interessantes, poderá remediar. Enquanto ser de linguagem, ele está fadado ao fracasso de uma satisfação total, a qual nem mesmo a proliferação mais extensa de dizeres (incitada atualmente pelos aplicativos de conversas) tem o poder de resolver ou suturar.

Ao contrário, essa proliferação de palavras, conforme temos visto, termina por induzir o sujeito a um mar de exigências cada vez mais árduas de cumprir, uma lista de tarefas infundáveis. A propagação excessiva de palavras e objetos termina por abrir um vão cada vez mais amplo entre aquilo que um diz e aquilo que o outro pode ouvir; a palavra então se apresentando cada vez mais esgarçada, perdendo seu valor, seu peso de palavra.

Noutros tempos, bastava uma só palavra para uma combinação (da mais simples à mais complexa) valer: “te encontro tal hora, em tal lugar”, e pronto. Se uma das partes não comparecesse, era

26. O sentimento de impotência em relação ao outro (desamparo, ou *hilflösigkeit*) é abordado por Freud em diversos momentos de sua obra, a citar “O futuro de uma ilusão”, 1930.

porque tinha acontecido algo grave... Hoje, a possibilidade de se poder reconfirmar um combinado acaba gerando a necessidade de reconfirmá-lo. É a própria alternativa de confirmar que lança dúvida sobre os combinados. A proliferação de palavras tira de cada uma delas seu valor e seu peso.

Palavras que valem quanto pesam, eis uma matéria em extinção. Quais os efeitos para o psicanalista, na lida do seu dia a dia, uma vez que as palavras são sua matéria-prima de trabalho?

A queda da função paterna (ou a degradação do simbólico)

Muito se diz, entre os psicanalistas, que estamos vivendo as consequências do declínio do patriarcado. A dissolução de uma sociedade antes erguida em torno de um núcleo familiar coeso (com lugares bem demarcados entre pais e filhos, entre o papel da mãe e o papel do pai), é uma das consequências que vimos surgir a partir do deslocamento da própria dimensão Simbólica, ou seja, da degradação do valor da palavra.

É preciso ressaltar que esses novos modelos familiares trouxeram inúmeros benefícios para o sujeito e para a cultura, talvez o maior de todos sendo a maleabilidade das relações, que favorece uma liberdade de escolha saudável e vital.

No entanto, junto com a benéfica relativização dos papéis exercidos pelos pais, temos testemunhado uma degradação também de suas funções, a ponto de não haver mais lugar para as diferenças – diferenças que, como vimos, são fundamentais na constituição de um sujeito, ou seja, de uma subjetividade.

Conforme anuncia Charles Melman: “A função do pai é privar a criança de sua mãe e assim introduzi-la nas leis de troca. É essa operação que prepara a criança para a vida social e a troca generalizada que a constitui: trata-se de amor, então, ou de trabalho. Mas o

problema do pai, hoje, é que não há mais autoridade, função de referência. Ele está só e tudo convida, de qualquer modo, a renunciar à sua função e simplesmente participar da festa. A figura do pai se tornou anacrônica²⁷.”

Os adultos responsáveis pela educação dos jovens hoje se encontram desqualificados em suas funções. A dispersão das responsabilidades com relação à formação do jovem é uma das causas. É preciso tomar em mãos um processo de transmissão, é preciso, mais do que desempenhar um papel, encarnar uma determinada função para esse jovem. No entanto, atualmente, terceiriza-se quase tudo.

Além disso, várias fontes de informação servem hoje para suprir a curiosidade do jovem. Sua busca por respostas essenciais não advém mais apenas dos pais e da escola, mas do *Google*, das mídias sociais e dos *digital influencers*. Isso reduz o dizer parental a apenas mais uma fala, perdida entre outras, fala diluída entre as tantas ofertas, somente uma entre as várias respostas que ele pode retirar das mais diversas fontes, gratuitamente, e que se apresentam até mais encantadoras, menos conflituosas e dispostas ao alcance das mãos.

Resumidamente: pela forma desmoralizada e fragmentada como as informações são recebidas pelo jovem, o dizer dos pais (e dos educadores em geral) não é mais recolhido desde um lugar de exceção. A velha máxima afirmação, “não é não!”, que, em tempos outros, era suficiente para fazer um adolescente calar seu arsenal de argumentos, hoje raramente serve a esse propósito. Em muitos casos vemos os próprios pais e educadores desmerecerem essa afirmação, no momento seguinte a seu anúncio, rendendo-se a toda a

27. MELMAN, C. *O homem sem gravidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003. Charles Melman é um psicanalista francês, e presidente da A.L.I – Association Lacanienne Internationale.

espécie de discussão com os filhos. Dessa forma, acentua-se uma degradação do lugar da fala, de modo a colocar em cheque a alteridade, a diferença por excelência.

No outro lado da mesma moeda que revela esse fenômeno, o jovem foi aos poucos perdendo um fundamental lugar de endereçamento ao outro, terreno onde ele podia confrontar seus valores e suas novas ideias de mundo. Faz diferença pesquisar na internet como se convida uma namorada para sair, em vez de dirigir essa pergunta aos pais.

A busca de reconhecimento, tão típica do jovem, e que se apoiava na oportunidade que ele sempre teve, no contato parental, de confrontá-los com ideias inovadoras sobre o mundo, e que sempre operou numa assimetria clara entre as posições do adulto e da criança, hoje degradou-se ao nível da colocação em prática de uma relação simétrica, de igual pra igual, que periga ordinariamente recair num infundável debate entre idênticos – um duelo travado sem fim, difícil de ser desnodado. É como se a alteridade (a diferença entre um e outro) estivesse sendo varrida do mapa em nome de um voto persistente pela igualdade de posições.

Certa vez, um paciente me disse, orgulhoso: “Cheguei a um acordo com meu filho (um menino de 10 anos). Nós dois sentamos à mesa e colocamos isso por escrito: se ele passar de ano, vai para a Disney.” Há muitas nuances nesse exemplo, mas o mais importante nesse contexto é destacar que, quando um pai senta à mesa para fazer um acordo com um filho, os dois, pela própria natureza pretensamente jurídica do acontecimento, ficam em igualdade de condições. Daí o problema. Cumprir ou não o combinado passa a ser um mero detalhe, num contexto onde o pai, de saída, já está desmoralizado.

Questões cotidianas e de solução simples, que encontravam seu encaminhamento sem necessitar de intervenções jurídicas,

passaram a recair sobre esse terreno. “Tal relação com o Direito permite ao sujeito elidir a dimensão de perda, presente e inevitável em sua própria constituição. Esse processo é ditado pela mudança nas relações contratuais a partir da modernidade, a qual culmina no esvaziamento da dimensão de pacto social, que lhe era subjacente, em prol do simples acordo²⁸.”

Outro exemplo, que escuto frequentemente nas escolas particulares onde realizo encontros com os pais, é a dúvida que ocupa alguns deles sobre colocar ou não uma ambulância na porta da festa de 15 anos do filho. Seria esse, de fato, um dilema? Ou, ao decidir oferecer uma ambulância, já se está supondo que aqueles jovens poderão cometer exageros, e que os excessos serão tolerados e remediados? Ao supor que possa ocorrer um exagero, paradoxalmente, o adulto autoriza o adolescente a cometê-lo. A ambulância na porta produz o exagero.

O limite é uma transmissão. A resposta de cada um ao limite é de responsabilidade do sujeito. Não se trata de outra coisa na vida adulta, e são preocupantes as cada vez mais detectadas e perigosas consequências dessa falta de limites, ou seja, do afrouxamento da função paterna.

Há um mal-entendido, que circula até mesmo entre os psicanalistas, no que tange à função paterna. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que essa função, mantenedora de alguma diferença, não precisa estar necessariamente acoplada à figura do pai, mas a todo adulto que possa vir a exercer, junto à criança e depois ao jovem, alguma autoridade. Aquele que possa fazer valer um certo ponto de impossível para esse jovem estará desempenhando a função paterna. Isso pode ficar ao encargo da mãe, de um educador ou de quem quer que encarne isso para um sujeito em particular. O pai

28. VIDAL, N.; LO BIANCO, A. C. De um direito do consumidor: sobre a desresponsabilização do sujeito. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, 2016.

da realidade, quando regulador das normas, provedor das regras, é o representante de um Pai Simbólico.

É preciso esclarecer também, na tentativa de evitar a má leitura que se pode fazer de Freud e Lacan, que o pai de modo algum é aquele que interdita o desejo para um sujeito, mas, pelo contrário, um pai é aquele que o torna viável, que possibilita o acesso do sujeito ao desejo. É por isso que podemos afirmar que “pai” é uma função a ser desempenhada.

Talvez possamos atribuir essa má leitura da obra freudiana a uma resistência à própria conceituação, pois ela é indicativa, no final das contas, de que o desejo humano se constitui a partir de uma interdição. A verificação clínica de que há um trauma estruturante da neurose esbarra até hoje em toda a sorte de resistências. É como se isso encontrasse, por motivos óbvios, uma recusa por parte do sujeito, sobretudo ultimamente, e passasse a ser combatida em nome de uma liberdade de “tudo poder”, “tudo querer” – ideal tão em voga desde sempre para o sujeito, e por razões de estrutura.

Mas o que não podemos negar, a partir dessa evidente degradação das funções parentais, é que esse quadro trouxe consequências sérias para as crianças e principalmente para os jovens, obstáculos que eles enfrentam especialmente na chegada ao mercado de trabalho.

Temos notícias de sujeitos se deparando com todos os tipos de entraves: jovens que não suportam receber ordens de seu superior, outros que não largam o celular enquanto deveriam estar focados nas atividades de trabalho exigidas, alguns muito aéreos, avoados, com dificuldades de compreensão das tarefas solicitadas, jovens desmotivados e sem iniciativa – apenas para citar alguns exemplos²⁹.

29. Exemplos retirados da clínica e do trabalho que venho realizando junto a jovens e educadores/instrutores do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE).

Então, o que se apresenta quando observamos de perto esses jovens que estão ingressando na vida adulta (esses exemplos citados se referem ao contato com uma primeira experiência de trabalho) indica uma série de complexidades subjetivas que, certamente, forçam as empresas que recebem esses jovens a criar novas formas de absorver.

São muitas as consequências. Conforme nos alerta Sandrine Calmettes³⁰, os quadros clínicos atuais são complexos, muitas vezes inclusive chegando a quadros com descrições paranoicas: “Nossa paranoia social tem consequências sobre o Simbólico, que afetam a estruturação desses sujeitos³¹. Convidada à produção de um acúmulo de conhecimentos, a criança não é ajudada a ‘se introduzir na dimensão simbólica’, a ‘enfrentar as exigências do Simbólico’ ou a ‘construir suas capacidades de mediação simbólica’ em relação ao Real – eu retomo aqui expressões de Lacan. Aparece o quanto é difícil a rota a traçar, e talvez mesmo cada vez mais difícil atualmente, para que uma criança aceda à sofisticação de uma estruturação ‘normada’ na relação com o outro, mesmo socialmente. E encontramos, com as questões dos psicanalistas de adultos em torno da NEP³², todo um leque de questões comuns com a clínica da criança. De outro modo e tantas vezes dito, os tratamentos de crianças não buscam, na maioria das vezes, o levantamento do

30. Sandrine Calmettes é psicanalista, psiquiatra, membro da A.L.I – Association Lacanienne Internationale, membro da EPEP (Ecole de psychanalyse de l’enfant de Paris) e responsável pelo trabalho com crianças na EPHEP (Ecole Pratique des Hautes Etudes en Psychopathologies).

31. Ela cita, aqui, CAMUEL DE SAUVEJUNTE, M. Fonction du dit et de l’écrit das un cas de paranoia.

32. O termo “nova economia psíquica” foi cunhado por Charles Melman em *O Homem sem Gravidade* e designa uma mutação do sujeito: de uma economia subjetiva pautada no recalque para uma economia subjetiva organizada pela exibição do gozo.

recalque, mas o estabelecimento do recalque, ou seja, a inscrição do sujeito em um discurso³³.”

Explico: em outros tempos, nosso trabalho se voltava mais para o levantamento do recalque, daquilo que se encontrava inconsciente para o sujeito. O recalque é essa barra, sem a qual estaríamos perigosamente comandados pelo puro gozo, e que nos restringe ao mesmo tempo em que é civilizatório e necessário para o laço social. Dizer que na clínica atualmente se trata mais do estabelecimento do recalque, é dizer que se trata mais de auxiliar uma criança na sua inserção no campo Simbólico, campo social. Talvez não apenas para as crianças mas também no que tange ao jovem, poder ajudá-los no engajamento na vida adulta. É por isso que se torna cada vez mais necessária a discussão sobre essas questões que a modernidade, com suas novas formas de organização já tão impregnadas na cultura, faz incidir sobre os jovens. Na verdade, são condições que se abatem sobre todos nós.

33. CALMETTES, S. *Les psychoses chez l'enfant et l'adolescent*. Toulouse: Editions Érès, 2017.



A mercantilização das relações

Há uma significativa e clara mudança observada recentemente na cultura, que se soma ao declínio do valor da palavra (que foi se degradando com o enfraquecimento do campo Simbólico): as crianças e os adolescentes, aos poucos, foram passando de meros serezinhos à espera do crescimento (aguardando que, quando chegassem à vida adulta, alcançariam um lugar de fala, ou seja, sua palavra passaria a valer) para sujeitos cuja demanda por objetos mercantis é ouvida desde cedo. De sujeitos à espera de um lugar no mundo que lhes conferisse algum valor de voz, as crianças e adolescentes passaram a se tornar, desde cedo, consumidores.

Vale ressaltar a seguinte diferença: as crianças passaram a ter valor de mercado, mas isso não necessariamente significa que elas têm um lugar de fala. Ter suas demandas ouvidas é algo bem diferente de receber do Outro, como resposta à sua fala, algum valor de palavra. É claro que as crianças têm voz, é evidente que sua subjetividade deve ser considerada desde cedo. A Psicanálise não só reconhece o infantil e a clínica de crianças, como considera que o infantil é propriamente a matriz subjetiva onde se configura a estrutura que irá despontar na vida adulta.

As consequências do dizer infantil estão aí para comprovar que a criança tem voz. São sintomas que pululam desde cedo – mui-

tas vezes com enorme inconveniência – no universo escolar e na dinâmica familiar. Entretanto, o que estou buscando sublinhar é que as crianças, e acentuadamente os jovens, foram aos poucos se tornando mais cidadãos de direitos do que de deveres. Passaram a ser consumidores, no sentido de poderem dispor de um mercado próprio voltado para eles, com larga oferta de produtos dispostos à aquisição mercantil, exclusivamente dirigidos para seus interesses. Curiosamente, é o próprio mercado que vem produzindo esses interesses, pois, como sabemos, “é a oferta que cria a demanda”, tal como se demonstra na lógica de propaganda da maioria dos *gadgets* (vide a fala do próprio Steve Jobs, por ocasião do lançamento do iPhone I³⁴).

Com isso, qualquer diferença que poderia e deveria ser preservada na relação parental – diferenças de hierarquia, designando lugares distintos – passou a ser facilmente degradada.

Vemos isso repercutir nas salas de aula das instituições de ensino. Com a anulação das diferenças e o ataque aos lugares dissimétricos (não idênticos), o professor sente na carne os efeitos disso, e de maneira imediata. A escola (aquela que ainda não se rendeu a uma pura lógica de mercado, onde os pais são tratados como consumidores que exigem um produto à altura de seu investimento) ainda retém a importante função social de preservar um sistema de hierarquia para fins de operar uma transmissão de saber, um modelo de divisão de lugares que possibilita a sistematização do ensino; portanto, no ambiente escolar, vemos a presença viva das principais manifestações retratadas aqui.

A modernidade fez recair sobre o professor um peso extra. Relatos de alunos que desmaiam em sala de aula, outros que tomam a palavra no meio da aula para contar do horror que vivem em sua

34. ISAACSON, W. *Steve Jobs biography*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Diz ele: “*It is about creating demand.*”

vida particular, outros que interpelam o educador nos corredores com um pedido desesperado de atenção³⁵, são alguns exemplos.

Freud nos ensina que governar, psicanalisar e educar são três tarefas impossíveis. Sobre a última delas, hoje em dia, dadas as condições de precariedade do Simbólico, muitos pais acabam delegando à escola a tarefa de educar seus filhos. “Eu pago para isso”, alguns dizem. A terceirização da educação é um termo utilizado por pediatras, neurologistas e psiquiatras, sobre um fenômeno comumente observado em suas clínicas.

Os relatos recolhidos de meu trabalho com os professores³⁶, somados aos que escuto dos pais de escolas particulares, me fazem chegar à conclusão de que as dificuldades na transmissão de um saber atualmente fazem recair sobre os ombros dos professores uma tarefa a mais.

Crescem as notícias de profissionais afastados do trabalho por estresse. Os professores se queixam de passar uma grande parte do tempo negociando com os alunos. Com a degradação dos lugares demarcados e a tentativa de anulação da diferença, a relação entre alunos e professores foi se tornando dual. E, como tudo que é dual, periga se degradar ao nível de um duelo.

O lugar de exceção – esse, que garantiria uma dissimetria no interior da estrutura de ensino e que sempre foi, por excelência, o lugar do mestre –, está cada vez mais difícil de ser sustentado. Não se tolera mais nenhuma exceção; em contrapartida, quase não há mais lugar para o mestre.

As exceções estão em baixa atualmente, apesar de todo movimento coletivo de aceitação das diferenças, o que configura um enorme paradoxo dos nossos tempos.

35. Três exemplos relatados em encontros com educadores, ocorridos com jovens aprendizes, no CIEE, RJ.

36. Encontros realizados com educadores, promovidos pelo CIEE – RJ e SP.

Os alunos pulam, com a rapidez de um raio, de referência em referência, numa não diferenciação acachapante. Como competir com as sedutoras oferendas de saber advindas de um *smartphone*? São muitos os exemplos que descrevem o crescente desinteresse das crianças em receber o conteúdo didático tal como está sendo transmitido tradicionalmente há séculos, e a impotência e o desespero dos professores diante desse desafio são uma realidade frequente.

Certa vez ouvi de uma professora de uma escola particular do Rio, durante um workshop que coordenei: “Leciono nessa escola há trinta anos. No início, tínhamos aqui alunos em salas de aula. Agora, temos dependentes digitais em situação de confinamento, em plena crise de abstinência!” A definição é impactante, pois reflete a realidade. Ela se referia aos alunos que se mostram inquietos, ávidos pela hora do recreio, quando podem finalmente checar suas mensagens e navegar pelas redes sociais. Os recreios escolares não são mais animados por brincadeiras coletivas, mas compostos por um agrupamento de crianças onde cada uma olha individualmente para o seu dispositivo móvel.

Voltando à mercantilização das relações, Bauman se refere ao “já avançado processo de mercantilização das relações entre pais e filhos”³⁷. Atualmente, este vínculo, primitivo e primordial, precursor dos elementos que virão a constituir as vindouras relações de um sujeito desde que o mundo é mundo, encontra-se quase que exclusivamente mediado pelo mercado de consumo: “Quaisquer que sejam os escrúpulos morais que tenham permanecido após a diminuição da vigilante presença dos pais e o abandono das funções outrora consideradas ingredientes *sine quibus non* (plural de *sine qua non*) do amor parental, os mercados de consumo propõem reduzir, sufocar e afugentar os restos, transformando quase todas as fes-

37. BAUMAN, Z. A civilização freudiana revisitada. In: BAUMAN, Z. *O retorno do pêndulo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

tas familiares ou festividades nacionais e religiosas em ocasião para prodigalizar presentes maravilhosos, ao mesmo tempo que atizam diariamente nas crianças a incipiente arte de superar as outras mediante uma feroz competição entre pares baseada na exibição dos sinais de distinção social adquiridos nas lojas³⁸.”

Não devemos extrair dessas considerações – fatos reais que nos assoberbam cotidianamente –, apenas uma impressão pessimista ou saudosista, como se afirmássemos que agora, irreversivelmente, os pais não dispõem mais das ferramentas adequadas para educar seus filhos. Mas, diante das evidências que se demonstram, tanto nas escolas quanto nas empresas que recebem os jovens para suas primeiras experiências de trabalho, é preciso reconhecer que a cultura, tal como ela se apresenta hoje, termina por empurrar essa relação parental – antes facilmente mantenedora de diferenças, de lugares distintos – para um modo de funcionamento que termina por incentivar os jovens a estar menos voltados para seu papel enquanto produtores, e mais voltados para seu papel enquanto consumidores.

Prioriza-se menos o que eles têm a criar, e mais o que eles têm a receber. E isso resulta em inegáveis consequências para a civilização na qual vivemos, percebidas sobretudo nas instituições que ainda se ocupam do humano.

As empresas que recebem os jovens na sua iniciação profissional têm alegado mudanças significativas. Se o jovem de hoje entra no mercado de trabalho em posição de credor, e não de devedor, isso o lança diante de inúmeras questões que, em vez de o ajudarem a deslanchar no mundo do trabalho, terminam por engessá-lo.

Em poucas décadas, a ascensão do consumismo e o progresso tecnológico caminharam paralelamente, e avante. Cresceram lado a lado, se retroalimentaram, somaram suas forças, e aqui estamos

38. BAUMAN, Z. A civilização freudiana revisitada. In: BAUMAN, Z. *O retorno do pêndulo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

agora, percebendo tudo isso. Nossos jovens são o resultado desse recente encontro de gigantes.

A internet é uma teia do tamanho do mundo, “na qual qualquer um pode se perder ou ficar preso, mas continua a navegar à procura das verdades. Todos estão conectados às máquinas transformadoras de imagens, movimentos e sons do desconhecido mundo virtual, que vai se aproximando e se tornando parte de nossas vidas. Todos querem mais e mais rápido tudo mais intenso e mais descartável. Outros modelos de máquinas substituirão os anteriores e o consumismo permanecerá em movimento, com os programas de televisão e sites fazendo com que a roda gigante do mundo social e agora virtual não pare nunca de girar”³⁹.

A dívida simbólica que um sujeito carrega, por ter recebido do Outro a própria vida e por ter recebido um lugar numa rede constitutiva (que não é a *www* – *world wide web* – mas, sim, a rede de transmissão do saber de seus pais), essa se encontra escamoteada pelas constantes propostas de ressarcimento e preenchimento advindas do campo material. E vale ressaltar que não se trata, numa herança simbólica, da transmissão de bens positivados, mas da transmissão de uma incompletude, igualmente incurável, experimentada pelo pai e pelo pai do seu pai.

A inscrição de uma falta (aqui o termo é válido não somente por revelar algo que não se completa, mas também por indicar, como no futebol, aquilo que um sujeito faz fora da regra – mas que, por isso mesmo, acaba encarnando também a transmissão da Lei) é o que um pai pode oferecer de mais formador para um filho. Se um pai decide exercer sua transmissão em termos de um ressarcimen-

39. ESTEFANON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. Desenvolvimento Biopsicovirtual. In: ESTEFANON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. *Geração digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2008.

to, de um bônus, isto é, sem proibições, sem restrições e sem falta, o que se transmite aí?

Diz Bauman: “O que atormenta os jovens dos nossos dias já não é o excesso de restrições e proibições insidiosas, temíveis e muito reais, mas a preocupante e vasta expansão das opções aparentemente abertas pela dádiva da liberdade consumista. Hoje, as ansiedades do jovens e seus consequentes sentimentos de inquietação e impaciência, assim como a urgência de minimizar os riscos, emanam, por um lado, da aparente abundância de opções, por outro, do temor de fazer uma escolha ruim, ou pelo menos de não fazer ‘a melhor escolha disponível’; em outras palavras, do horror a perder uma oportunidade maravilhosa quando ainda há tempo (fugaz) para aproveitá-la⁴⁰.”

Toda escolha implica em perdas, e notamos o quanto especialmente os jovens se resignam com isso. Há pouca resiliência entre eles quanto a este fato corriqueiro da vida. “Num mundo de acúmulo e de excessos, por que devo escolher?”, eles indagam.

Wara afirma que os jovens têm “um talento especial para mercantilizar-se”⁴¹. Talento medido sobretudo pela quantidade de “contatos” que eles podem obter. Os mais dotados de contatos são mais talentosos, e o contrário com os de menor número de contatos. Essa é a lógica das redes sociais, que se tornaram tão palatáveis e ofertáveis nos *smartphones*. Num certo sentido, as redes sociais são democráticas: pelo módico e cada vez mais acessível preço gasto mensalmente, um jovem da periferia pode ter, tanto quanto um jovem abastado que vive nos melhores bairros das grandes cidades, a chance de seguir milhares de perfis e de ter milhares de seguidores.

40. BAUMAN, Z. Freudian civilization revisited – or whatever happened to the reality principle? *Anthropological Psychological*, n. 21, 2009.

41. WARA, W. Mobile learning for the on generation, apud BAUMAN, Z. *O retorno do pêndulo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Com isso ele se mercantiliza: passa a “valer” nesse específico mercado.

Isso também aponta para a questão da identidade. Cria-se uma identidade pautada principalmente no que esse olhar (dos seguidores) faz erguer. Embora virtual, essa identidade se agrega a um valor de mercado.

Todavia, adverte Melman: “o indivíduo assim solicitado pela economia de mercado não tem nada a ver com alguma existência singular real de sujeito. Essa dita economia apenas interpela um consumidor abstrato que deve se adaptar às ofertas – mirabolantes, como sabemos – que a eles são feitas: são elas que doravante o subjetivam. E, por assim girarem em torno do objeto disponível, as próprias criaturas se transformam em objeto, não são mais que ectoplasmas aos quais, mais do que nunca, se impõe o sentimento de um vivido virtual. Já que não é a identidade específica do desejo delas que impõe a escolha de objeto, mas, inversamente, é a promoção mediática que lhes impõe um objeto, o qual induz um apetite identificável agora pela marca do produto⁴².”

A mercantilização das relações termina por impor ao sujeito algumas rebarbas. O esmorecimento das diferenças e a uniformização dos endereçamentos são duas delas.

Não é pouca coisa notar que uma criança, tão cedo, já tenha poder de voto, de veto. É grave perceber que ela pode receber sem qualquer freio oferendas que não vieram nem dos pais, nem da escola; e que ela cresça numa cultura que a autoriza, não necessariamente como sujeito, mas como consumidor, lançada prematuramente numa marcha demandante que, na verdade, escamoteia e dificulta o caminho do desejo.

42. MELMAN, C. *O homem sem gravidade*. São Paulo: Companhia de Freud, 2003.



Vivendo através das telas

Enquanto sujeitos modernos, vivemos sob a predominância do Imaginário. Damos cada vez mais importância ao que mostramos, e menos ao que escondemos. Isso equivale dizer que o Inconsciente – ele próprio sendo essa dimensão “não-todo-revelada”, misteriosa – tem tido menos lugar. Apesar de notarmos que, evidentemente, suas manifestações estão muito longe de terem cessado. Ao contrário, suas aparições seguem correndo soltas, e até em maior intensidade, já que há cada vez menos espaço para recolhê-las.

Na adolescência, esse momento crucial da vida em que se está à procura de uma identidade, essas ferramentas digitais caem como uma luva para o jovem em busca de “si mesmo”, em busca daqueles significantes que supostamente poderiam definir seu lugar no mundo, e que, por estrutura, passam pelo olhar do Outro.

A série britânica veiculada pela Netflix, “Black Mirror”, vencedora de seis Emmys e sucesso de crítica e público, encena uma caricatura do futuro próximo, retratando magistralmente essa realidade paralela que, aos poucos, fomos nos acostumando a frequentar. Relacionamentos que foram se pasteurizando nas redes sociais, mensagens povoadas de códigos que foram substituindo as palavras (e sobretudo o dizer), valores éticos sendo mensurados por aplica-

tivos, são alguns dos exemplos que já se tornaram lugares comuns, clássicos, e não mais exceções.

Pautamos o quanto valemos pelo número de *likes* recebidos, pelo número de visualizações mostradas. Habitamos uma casa de espetáculos. Um voyeurismo forçado tomou conta do tecido civilizatório, torcendo a cultura ao campo plastificado do registro Imaginário.

São formas de habitar o mundo que convidam a manifestações pulsionais sob formas relativamente aceitas socialmente, formas que, até há bem pouco tempo, eram consideradas bizarras, embora já tivessem sido classificadas por Freud desde os primórdios de sua conceituação sobre a sexualidade humana e desde as suas remotas observações sobre a psicopatologia da nossa vida cotidiana. O voyeurismo revelado nos *ciberstalkings* e o sexo virtual que considera apenas algumas partes do corpo são apenas dois exemplos desse espalhamento pulsional tal como o sujeito experimenta hoje. As pulsões andam soltas, à toda, literalmente a olhos vistos.

O mundo virtual é esse novo modo de frequência que induz o sujeito a uma perigosa indiferenciação entre o fora/dentro. O outro invade facilmente sua casa, sua sala, seu quarto, enfim, sua intimidade, sem sequer pedir licença, operando numa nebulosidade que torna confusa a separação entre o que é público e o que é privado. Sendo que esta indiferenciação não permite pausa para qualquer questionamento singular.

Os emojis são um exemplo coloquial de como o Imaginário povoou as relações comuns, vampirizou a comunicação. A fala de um sujeito – por definição incompleta, dotada de lapsos e atos falhos, metonímica, e nunca definitiva – aos poucos foi se transformando num conjunto de mensagens idênticas (e identificadas) cujo sentido tende a se fechar em si mesmo. Somos meros espectadores, entregues passivamente diante do interminável *feed* de fotografias

postadas no Instagram, assim como somos meros espectadores diante da proliferação de emojis – essas carinhas sorridentes que dizem tudo e não dizem nada, e que, na verdade, riem de nós.

Aos poucos, as palavras foram sendo substituídas por versões sintetizadas de dizeres lacrados (e com lacre), foram sendo dragadas por dizeres generalizados, distanciando-se da sua função de palavra, ou seja, a de nunca fixar-se totalmente num sentido único. O que é a poesia, senão um vento que nos carrega para algum outro sentido? E por onde anda a poesia no mundo dos emojis?

Aos poucos, fomos passando a nos comunicar através de signos, e não mais de significantes. Quantas palavras cabem numa carinha mandando um beijo? E quantas foram substituídas pela figurinha do coração quebrado ao meio?

O desejo humano parece estar composto, hoje, menos pela falta simbólica que ele comporta como efeito de significante (isto é, uma palavra que não se encerra em apenas um sentido), e mais por uma falta inconsistente instalada na relação com o semelhante. Essa falta apresenta-se quase que integralmente reduzida à pura demanda. Enquanto instalada a partir do referencial da relação com um semelhante, essa falta é sempre Imaginária, capturando o sujeito num jogo de espelhos sem fim, sem saída, perpetuado ao infinito.

Para ser simbólica, a falta precisa estar pautada num referencial de alteridade, diferença. Se o desejo não tem mais como suporte o referencial da diferença, ele define. Morre antes mesmo de nascer, pois é impedido de surgir. O canal para o desejo anda hoje obturado por signos que falam no lugar do sujeito. Os emojis são uma espécie de ventríloquo que ele carrega no bolso – e, o que é mais estranho, o faz com alegria e satisfação.

O Outro, da alteridade, também se encontra obturado nessa operação. Portanto, vivemos tempos em que qualquer assimetria passou a ser insuportável (não suportada), e onde o sujeito se vê

preso numa rede de comparações intermináveis, impostas pelas mídias sociais virtuais, refletindo (literalmente) a empreitada exaustiva de se equiparar, se equilibrar, se equalizar junto ao semelhante.

O ideal de paridade é danado, pois é viciante. Ele acaba levando o sujeito a ter que postar, e provar, tudo que faz a cada instante, na tentativa desesperada de cavar e fazer valer algum lugar. Mas eis a via capciosa: esse caminho não o conduz necessariamente a experimentar que ele vale por sua diferença (diferença que garantiria esse lugar Simbólico), mas, sim, é um caminho que o confirma, viciosamente, pela semelhança. Daí, a guerra e a violência encontram um campo fértil para se instalar, visto que a busca de paridade é sempre uma guerra. O ideal de paridade periga recair no desejo de aniquilamento do outro. Como diz Melman, “basta um nadinha diferente para provocar a inveja”⁴³.

Em vez de essa superexposição causar uma aceitação mais elástica das diferenças de cada um, em que se poderia respeitar o desejo singular como sendo esse grande motor social de atividade e criatividade, o que vemos como efeito da prevalência Imaginária é uma grande denúncia de toda e qualquer assimetria, em prol de um ideal igualitário. O que, no fim das contas, acaba imobilizando o sujeito. A atual e ordinária denúncia do desejo (desejo que deveria operar como motor, proatividade de um sujeito, com o propósito de fincar suas estacas na cultura) termina por levá-lo a uma paralização que inibe qualquer invenção.

As telas passaram a ocupar um preponderante e irreversível espaço na vida dos jovens. Todas as principais formas de comunicação passam hoje pelo uso e manejo das telas: televisão, computador, tablets e celulares oferecem seu conteúdo através de uma.

Com quais recursos os responsáveis podem contar ainda para que o imediatismo desse acesso – que leva à imaginarização

43. MELMAN, C. *O homem sem gravidade*. São Paulo: Companhia de Freud, 2003.

das relações afetivas – não seja de tal modo contínuo que impeça o jovem de se deparar com os desafios que lhe são constitutivos e fundamentais, para que se coloque em prática a aquisição de um saber mais livre de ideais acachapantes, um saber calcado numa real transmissão?

Quatro inversões da modernidade

O tempo que o rádio demorou para atingir 50 milhões de usuários foi de 38 anos. A televisão precisou de 14 anos para conquistar esse mesmo número de espectadores. Já a internet, a cada 4 anos (apenas), é capaz de atingir esse mesmo espectro de pessoas – o que nos dá notícias da velocidade do espalhamento e da infiltração desse novo modo de experimentar o mundo, dessa nova forma de constituir a cultura, com suas consequências para as relações humanas.

É inegável: a tecnologia transformou a educação ao disponibilizar a informação como algo acessível, gratuito, ilimitado, e, acima de tudo, democrático.

Fora isso, criaram-se para o sujeito novas alternativas diversificadas para o ensino autodidata, em qualquer área de interesse que se deseje. A internet é uma fonte de informação rica, vasta e instantânea. Possui um banco de dados universal e multidisciplinar que favorece o conhecimento mais amplo sobre outras culturas, outras partes do mundo, antes inóspitas e inacessíveis ao saber. É uma fonte de informação que serve tanto a professores quanto a estudantes.

Um outro benefício inegável é a possibilidade de ensino a distância. E comunicação a distância. Em tempos de pandemia, esse

benefício mostrou-se de inigualável utilidade. A internet também favoreceu a inclusão de pessoas que moram em periferias urbanas, no interior, no campo, e que, através da informática e do uso das novas tecnologias, se tornam mais participativas na cultura.

A rede abriu portas e oportunidades para novos empregos. No campo da cultura, é inegável o aumento nos índices de interesse por livros virtuais. O consumo de filmes e música também aumentou com a rede. A proliferação de diversos meios de cultura foi favorecida pela praticidade do uso e do acesso à internet. Além de divulgar novos talentos, através de plataformas digitais que, sem a internet, jamais teriam meios de fazer seu trabalho aparecer. Viajar tornou-se mais tranquilo. Comprar tornou-se mais simples. Todas essas facilidades são inegavelmente benéficas.

Porém, o cotidiano moderno apresenta, e nos coloca, diante de quatro inversões subjetivas que merecem atenção. Todas elas já permeadas na cultura de modo irreversível. São fatos inelutáveis, mas que demandam cuidados.

A primeira delas é uma inversão recente, mas que traz enormes desafios para os psicanalistas: hoje, para algo ser real, precisa também ser virtual. É uma inversão surpreendente, pois altera a perspectiva da vivência da temporalidade, pelo menos do modo como a Psicanálise a lê, enquanto presença na constituição do sujeito. Para a Psicanálise, o acontecimento que vale para um sujeito, aquele que conta para o psiquismo e no qual se ergue o edifício de sua estrutura, é sempre um fato *a posteriori*. O trauma é sempre um acontecimento que se dá em dois tempos: é o segundo momento que vai confirmar a importância (e a existência) do primeiro. Esse fundamento é um relevante legado freudiano, sublinhado e ratificado por Lacan e que confere à clínica psicanalítica sua maior maleabilidade.

Um sonho, por exemplo, só passa a existir quando é narrado pelo paciente. Isso significa que a versão (ou versões, pois se trata

de uma cebola que vai sendo descascada) que o sujeito produz enquanto fala é, de fato, a que vale. O relato do sonho supera o valor do sonho em si. Aliás, não existe sonho “em si” – o sonho é, na verdade, aquilo que se conta dele.

Mais do que a realidade dos fatos, Freud nos ensina que a realidade que conta é aquela que o sujeito conta. A isso ele denominou “realidade psíquica”, e essa foi umas das suas primeiras conceituações. A Psicanálise foi inaugurada precisamente sob essa premissa: Freud ouviu as histéricas e conferiu àqueles relatos, por mais questionáveis e nada razoáveis que lhe parecessem, um valor inegável de verdade. Ele era um neurologista cético e se dispôs a escutar as pacientes que sofriam de dores agudas, mas dores que não eram justificadas por sinais concretos de lesão corporal, não eram identificáveis organicamente. Foi do interior dessa seara obscura que ele se prontificou a ouvi-las, rompendo com uma tradição que, durante séculos, fatalmente vinha conduzindo as mulheres ou às fogueiras ou aos manicômios.

A Psicanálise perdura até hoje como essa prática que permite ao sujeito trocar “aquilo que se dá a ver” por “aquilo que se dá a escutar”. Eis a ruptura, o deslocamento: da prevalência do plano Imaginário para a prevalência dos planos Simbólico e Real, ali onde a verdadeira cena (aquela que comanda o sujeito) se dá.

Até hoje – e principalmente hoje, pois a clínica psicanalítica se diferencia das outras práticas precisamente por isso – a clínica é pautada nessa perspectiva, na lida com os pacientes: a Psicanálise é uma prática guiada pela escuta, e não pela visão. Ela sobreviverá enquanto a força dessa inversão (que se contenta mais com as evidências do mundo virtual do que da realidade) não suturar, por completo, a voz do Inconsciente.

Mas a prevalência do virtual sobre o real está longe de trazer uma aproximação do sujeito para o campo subjetivo. Alertar para a

predominância do virtual sobre o real, na modernidade, não equivale a dizer que o virtual esteja abrindo espaço para o que está para além da realidade. Ao contrário, o virtual fomenta um afastamento perigoso dos laços fundamentais da constituição do sujeito e trata a realidade como tendo uma importância quase dispensável.

O fato de que essa realidade que compartilhamos e que fundamenta a vida em comunidade (realidade que Freud descreveu como incômoda, ao mesmo tempo segura, em *O Mal-estar na Civilização*) vem sendo dispensada em prol da virtualidade, que faz com que, aos poucos, a subjetividade humana vá ocupando menos espaços, podendo ser até mesmo recusada.

Os exemplos proliferam: hoje, jovens começam e terminam seus relacionamentos amorosos através das redes sociais; antes mesmo de se beijarem, combinam que estão namorando ou deixando de namorar. Hoje, um evento social só acontece após ganhar as mídias digitais: enquanto não for postada, é como se a festa não tivesse existido. São exemplos de como o virtual vai aos poucos passando a ser mais preponderante do que a realidade, inclusive mudando hábitos e trazendo consequências para a realidade.

A segunda inversão é a seguinte: fala-se muito e diz-se pouco. Com quantas palavras o sujeito entope o seu cotidiano, sendo que não necessariamente esse excesso de dizeres se reverte numa maior firmeza quanto aos compromissos que assume?

O Simbólico anda esgarçado, repito. E, numa visão mais ampla, é preciso lembrar que o campo Simbólico é o espaço onde se compartilha uma realidade. E o que compartilhamos? Palavras. Atualmente vivemos numa cultura onde as palavras têm sido menos levadas a sério. O espalhamento de dizeres vazios que a modernidade exalta não garante – pelo contrário, enfraquece – a função que cada palavra tem para cada sujeito. É muita falação para pouco

dizer. Quanto vale uma palavra? E o silêncio, quanto vale? Esse, certamente, é um bem em extinção.

A terceira inversão é o mau uso do tempo. A tecnologia nos permite economizar muito tempo, ela nos traz mais eficiência, agilidade e rapidez nas tarefas que precisamos cumprir; mas esse tempo supostamente economizado não se reverte numa sobra de tempo real, que poderia vir a ser utilizada produtivamente. Ou, ainda, uma sobra de tempo que poderia ser utilizada como vazio, silêncio, intervalo – esse espaço necessário para a mobilidade do afeto, para o florescimento do desejo.

O tempo que economizamos numa fila de banco desde que passou a existir *Home Banking* deveria disponibilizar para nós uma sobra a olhos vistos. Mas, em vez disso, sentimos o tempo evaporar, ser rapidamente ocupado pelas infinitas mensagens que precisamos responder, pelas incessantes notícias que queremos consumir. Perde-se muito mais tempo atendendo às exigências que a virtualidade impõe do que realizando as tarefas mais arcaicas, que sempre prescindiram da tecnologia.

A quarta inversão tange a uma evidência social: a internet favoreceu a inclusão, mas também acentuou a exclusão. É maravilhoso que um jovem dos recônditos do Brasil possa se encontrar com outro do interior da China numa fração de segundos. A acessibilidade ao alcance de todos facilitou o início de relacionamentos e trouxe a expansão de grupos de amizade, fora ter favorecido especialmente os tímidos, trazendo-os para mais perto de uma inserção social antes dificultada pelo cara a cara.

Mas, por outro lado, a rede também acentuou uma tendência muito característica entre os humanos: a segregação. São crescentes os casos de *Cyberbullying*. A tela também pode servir para proteger o mau-caratismo. Hoje, há advogados que se dedicam especialmente aos crimes cometidos na internet.

Fora isso, o que poderia servir para integrar as desigualdades termina por promover enlaçamentos que se dão muito mais pelas identificações que expõem as diferenças. As famosas “data-bolhas”, reveladas especialmente em épocas de eleições, nos dão bem o termômetro disso.

Essas quatro inversões demonstram o quanto estamos diante de questões delicadas, e o quanto precisamos continuar acompanhando as mudanças que parecem se estabelecer a galope.

O adolescente hoje

A adolescência pode ser descrita como esse momento agudo da vida do sujeito no qual ele se encontra numa passagem: saindo da infância e entrando na vida adulta. Todos nós sabemos perfeitamente o que é a adolescência, seja porque já a experimentamos, seja porque suas manifestações se espalham deixando inapagáveis rastros, repletos de furor e frescor.

Mas a adolescência é difícil de ser definida. Ela não se restringe a uma faixa etária, não se basta numa rasteira determinação de um período cronológico. Está mais para uma travessia a ser cumprida, e, portanto, é um momento subjetivo complexo.

Para Melman⁴⁴, trata-se de um momento de crise, de uma suspensão do sujeito diante da queda do ideal que constituía a sua relação parental. Os pais, outrora vistos como plenos, passam a parecer falhos aos olhos do filho. Antes idealizados na infância, os pais passam a parecer insuficientes, deficitários. Por isso, é um período de hesitação, em que o sujeito não encontra mais o seu lugar diante do gozo, isto é, não se acomoda mais na forma como se habituou

44. MELMAN, Charles. Os adolescentes estão sempre confrontados ao minotauro. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. *Adolescência entre o Passado e o Futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1997.

a estar diante dos pais e do mundo. Na adolescência, o sujeito se depara com o aspecto enganador da antiga – e já descumprida – promessa de um gozo absoluto. Em outras palavras, a forma como ele vinha se conduzindo ao longo da infância não funciona mais, será preciso que ele descubra um novo jeito de se posicionar, e de usufruir a vida.

Para o psicanalista francês J. J. Rassial, nesse momento coloca-se em jogo a dimensão do impossível, para além de uma dimensão de interdição ou de proibição, típicas da infância. E ali o sujeito verifica que os pais “não são fundadores, mas transmissores”, isto é, eles mesmos estão submetidos a uma anterioridade, uma ancestralidade.

Além disso, ali o sujeito é convocado a responder ao real da puberdade, determinado pelas contundentes e perturbadoras transformações corporais repletas de tempestades hormonais, tarefa nada fácil.

O que está na linha do horizonte para o adolescente é um ponto de impossível, que irá repercutir na possibilidade da aquisição (num futuro já breve), de um papel de responsabilidade a ser desempenhado na cultura: no trabalho, na família, nos laços afetivos de amor e amizade. Isso resulta da relativização de suas idealizações. Dito de outro modo, a adolescência é este momento no qual está em jogo a passagem de um certo lugar subjetivo vivenciado até então na infância, para um outro lugar subjetivo que ainda está por vir. Isso é aflitivo: como será esse outro lugar é uma grande dúvida que recai sobre os ombros do adolescente.

Mas, quais características impostas pela modernidade tornaram diferente a adolescência no século XXI? Vemos atualmente uma extensão dos seguintes fatos: infâncias interrompidas prematuramente, alçadas cedo demais à sexualidade e às exigências da vida adulta, crianças estimuladas a responder com o corpo antes

mesmo de qualquer maturidade corporal efetiva. São adolescências antecipadas, acompanhadas de todas as questões a que se tem direito – a citar, como exemplo, uma impressionante comprovação médica recente: a diminuição da média etária, entre as meninas, da chegada da primeira menstruação, sendo essa comprovadamente resultante dos estímulos sexuais vividos na infância.

Ao mesmo tempo em que a adolescência foi antecipada, também se pode verificar que ela se prolongou; ela se estende, por vezes, infundavelmente. São casos de jovens que cada vez mais tardiamente se deparam com as questões que circulam em torno do que Freud conceituou como um conflito psíquico, sujeitos que se encontram numa certa suspensão, que evitam os confrontos com as diferenças de gerações, por exemplo. Não descolam de seus pais, seja por manterem com estes uma relação de dependência ou de acomodação, seja, ao contrário, por se engajarem numa postura de eterna revolta e rebeldia (o que clinicamente dá quase no mesmo, tratando-se em ambos os casos de uma dificuldade de poderem agir em nome próprio).

O adolescente experimenta a desarmonia entre as exigências do amadurecimento sexual e uma cultura que o subestima, que ainda não o considera capaz, visto que socialmente ele não possui ainda os recursos para assegurar sua emancipação. Diante da premência de se fazer reconhecer, ele não encontra no outro a quem se endereça (não somente os pais, mas o professor, o amigo etc.) um reconhecimento Simbólico decisivo, que poderia confirmar seu estatuto de sujeito, e que viria a coincidir com a maturidade do corpo que já acontece. De modo que ele não encontra no Outro uma confirmação.

Então, não é fácil ser adolescente. “Seu estatuto jurídico, por exemplo, em nada difere daquele da criança. Do ponto de vista jurídico, mesmo no Brasil, onde a lei tenta estabelecer um estatuto

próprio do adolescente, a adolescência é o período da ambiguidade entre minoridade e maioridade, irresponsabilidade e responsabilidade”⁴⁵.

O trabalho que realizo em escolas do Rio de Janeiro, escutando jovens do ensino médio, me faz observar que, por ocasião do exame para o ingresso na universidade e diante da peremptória escolha por uma carreira a ser seguida, o adolescente encontra toda a sorte de dificuldades para situar seu desejo. Fazer ou não aquilo que seus pais esperam dele? – ele se indaga.

Eis uma pergunta secular, indicativa de que o adolescente está cumprindo sua travessia, de partir de uma referência parental para cravar seu lugar no mundo. O que se manifesta como problema aparece quando, por razões que certamente encontram respaldo na cultura, esse referencial parental fica frouxo demais, maleável a ponto de não servir como calço e como base para o adolescente, dessa forma impedindo um movimento necessário que deveria passar necessariamente por uma escolha, ou seja, por uma perda.

Certa vez ouvi, num treinamento realizado com um grupo de educadores, a seguinte colocação de um professor: “Eu tinha um aluno que vinha se destacando muito, era muito inteligente e aplicado – o que eu incentivava, solicitando mais trabalhos. Inventei um concurso, pedi que cada aluno criasse um jogo, e o melhor jogo foi o dele. Então, quando chegou a hora desse aluno receber o prêmio, ele amarelou. Levantou-se diante da turma e disse, olhando pra mim: ‘Meu pai falou que nunca serei alguém na vida. Ele mesmo não foi muito longe e disse que eu não serei nada, nunca. O que eu ganho, sendo o melhor aluno daqui?’⁴⁶.”

45. Brasil. Lei N. 8.069, de 13 de Julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente. COSTA-MOURA, F. Adolescência: efeitos da ciência no campo do sujeito. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005.

46. Relato extraído de um Encontro com Instrutores realizado no CIEE de São Paulo, 2019.

Se, por um lado, esses exemplos não deixam de revelar o efeito de uma queda imaginária, necessária, sofrida pelo sujeito em relação ao pai, por outro, recolocam em jogo a dimensão idealizada ali presente. Seguir o exemplo do pai mesmo quando esse pai foi “um nada” pode ser um caminho, se apoiado numa identificação necessária. Sabe-se lá onde isso pode dar. É preciso escutar o sujeito para além dos ideais moralistas e dos furores curativos.

Não estaríamos nós confrontados, nos dias de hoje, com adolescências cada vez mais antecipadas e/ou prolongadas (enfim, confusas) justamente pela dificuldade que os jovens encontram para lidar com o postulado lacaniano: “É preciso ter o Nome-do-Pai, mas é preciso também que saibamos servir-nos dele⁴⁷?”

Mas é nisso que consiste toda a dificuldade para o sujeito, pois esse “se servir do pai” não é definido por um caráter positivado. Não se trata de ter direitos, nem de ser provido pelos dons do pai, receber seus bens. Servir-se dele, ao contrário, implica em aceitar a submissão à castração, e aceitar que os pais também estão submetidos a ela, coisa que vem azedar totalmente a perspectiva imaginária sustentada até então, perspectiva infantil do ideal parental.

Lembro que Freud nos propôs que o Édipo e seu derivado psíquico (a castração) só podem ser definidos em três gerações: é preciso que os pais sejam, também, castrados, fato que só se configura pela presença indispensável de seus antecessores. Acontece que, esses antecessores, em vez de proverem seus filhos com uma herança benevolente, transmitem justamente aquilo que lhes falta.

Tomar lugar na herança, eis o que está na linha do horizonte para todo adolescente, do mais pobre ao mais rico. Trata-se de poder admitir que como humanos fazemos parte de uma série, em que é preciso, numa cadeia de transmissão, engajar-se. Bem como

47. LACAN, J. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

reconhecer e aceitar a queda do ideal, ali onde o sujeito pode se posicionar, com a sua própria insuficiência.

O problema é que, insisto, aquilo que o sujeito deve admitir não é algo positivado, não é algo que venha a somar. O que o sujeito deve admitir (admissão é um termo que deve ser tomado no sentido também de uma entrada), o lugar ao qual deve aceder é um lugar de dívida, e não de direitos, que requer o declínio do plano Imaginário ideal – este porto seguro, no qual ele estava ancorado e referenciado em sua posição infantil.

Para que o sujeito tome seu desejo em nome próprio, é preciso sujeitar-se a uma cadeia geracional. É o oposto, por exemplo, de engajar-se num grupo (movimento comum do adolescente), pois um grupo faz a função inversa, de escamotear a singularidade. Os grupos cumprem essa importante função para o adolescente, tão claramente descrita por Freud⁴⁸: eles servem para engajar o sujeito, mesmo que referenciado a um ideal. O jovem imerso num grupo, carregando uma bandeira que o representa, se esconde e, ao mesmo tempo, se conforta, pois o significante que define esse grupo confere a ele um sentimento de pertencimento, fundamental nessa passagem, momento de crise psíquica em que ele já rompeu com seus antigos ideais parentais, mas ainda não sabe o que quer ser quando crescer, ainda não possui um saber sobre seu desejo.

O que está em jogo para o adolescente é que ele possa ingressar no gozo sexual – e por cujo ingresso deverá pagar, volto a dizer – tomando lugar na cena adulta. Essa operação só se faz perdendo um pedaço. O que esperamos de um adolescente é que ele possa se apropriar devidamente da sua dívida.

O que o sujeito ganha é a referência definitiva da castração, ou

48. FREUD, S. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

seja, um presente de grego de sua existência. Que ele possa servir-se de sua herança – tarefa nada simples, já que traz em seu rastro a emergência do Real, como resto – para daí fazer a sua parte, dar o seu quinhão, imprimir a sua marca.

Há uma linda citação de Goethe, da qual Freud se apropria em *Totem e tabu*: “aquilo que herdaste de teus pais, faça-o teu⁴⁹.” É a tônica de todo jovem, e o psicanalista tem o dever de poder sustentar essa operação.

Lacan sugere que a boa posição de um sujeito evoca a presença de um desejo que se articula, não somente como “desejo de reconhecimento, mas como o reconhecimento de um desejo”⁵⁰. Que baita pulo! É uma travessia, muitas vezes dificultada para o jovem que se encontra perturbado pelo acúmulo de informações e incontáveis opções de escolha. Um desafio nos dias de hoje.

Mas esse reconhecimento do desejo é o que pode deslocar o sujeito da posição puramente demandante (e facilmente aprisionada na lógica de mercado) do desejo de reconhecimento. É a partir do reconhecimento de um desejo que o sujeito pode tomar seu lugar. Mas essa tomada do desejo em nome próprio é uma operação que requer a função do pai. É preciso que haja um pai, nesse sentido, que “deixe a desejar”.

Não se trata de outra coisa senão da relação fundamental do sujeito com a cadeia significante, com a linguagem. Ao se aproximar dessa travessia, ou o adolescente busca seu lugar na cadeia ou se recusa a entrar no jogo, abolindo a si mesmo. Os casos graves de automutilação e suicídio remetem a isso. Mas, “o que faz o sujeito, na verdade, a cada momento em que se recusa, de certo modo, a

49. FREUD, S. (1913) *Totem e tabu*. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

50. LACAN, J. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

pagar uma dívida que não contraiu? Não faz outra coisa que não perpetuá-la”, adverte Lacan⁵¹.

As adolescências prolongadas indicam uma posição subjetiva em que o sujeito se serve do pai – no sentido de estar menos como devedor e mais como credor do pai, ancorado aos benefícios tanto materiais quanto subjetivos que essa situação possa lhe oferecer, sendo inclusive impulsionado por uma cultura que não só apoia e autoriza isto como escamoteia seus possíveis efeitos negativos. Essas adolescências, então, configurariam uma posição de recusa e resistência, diante da qual o sujeito atrasa o seu encontro com as responsabilidades da vida adulta.

O adolescente que não abre mão do seu gozo de filho (lugar infantil, de onde recebe os cuidados de um adulto) se perpetua nesse lugar de filho. Negando-se a pagar um tributo que é devido no Simbólico, esse sujeito estaria fadado a aprisionar-se numa dimensão ideal, Imaginária. Em vez de servir-se do pai para, eventualmente, ficar sem ele, o sujeito fica sem o pai para poder se servir dele.

Em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare⁵², temos um exemplo de como a morte é a única e radical saída diante do impossível que se apresenta para aqueles jovens. Frente ao imperativo do Nome-do-Pai – esta função vital que determina o desejo e a falta que ele comporta – estes jovens terminam por entregar suas próprias vidas ao destino.

O que faz um adolescente ter de imprimir, no Real da morte (suicídio) e do corpo (automutilação), a expressão dessa dificulda-

51. LACAN, J. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

52. William Shakespeare foi um dramaturgo e poeta inglês que viveu entre 1564 a 1616, considerado o maior escritor de língua inglesa de todos os tempos. *Romeu e Julieta* é sua mais famosa obra, sobre dois adolescentes advindos de famílias inimigas cuja morte acaba unindo. É considerada o arquétipo do amor juvenil.

de fundamental de submeter-se à castração? No que consiste esta saída tão radical, assustadoramente presente nos dias de hoje, de maneira a não suportar o limite? Ou será que esses atos, em alguma medida, são tentativas extremadas de fazer valer algum limite?

O desafio posto para cada um é o de admitir que o que se imprime em nome próprio, a marca que se deixa no mundo, não pode se dar sem a referência (e reverência) dos que o antecedem. Um lugar depende e resulta de um passado. “Tendo que realizar por ele mesmo esse trabalho de amarração que outrora ficava a cargo dos ritos, e não podendo contar com os recursos que adviriam de uma instância simbólica que não lhe diz mais nada – desacreditada e fragilizada que está pelos ideais de certeza e exatidão introduzidos com a ciência –, o jovem sujeito terá que se fazer contar no Real.”⁵³

O que a vida adulta conclama especificamente do adolescente não difere do que ela espera de cada um de nós: que possamos atestar nossa pequena diferença no mundo. Este convite à singularidade não se realiza, nem para o adolescente nem para qualquer sujeito, sem um grande impacto. Trata-se do encontro traumático com a castração, o simples encontro, no final das contas, do sujeito com a sua própria enunciação, única coisa capaz de lhe garantir alguma real existência.

53. COSTA-MOURA, F. Adolescência: efeitos da ciência no campo do sujeito. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005.

Adolescência e tecnologia

Como vimos, nem sempre a adolescência foi nomeada dessa forma, e essa noção deve ser contextualizada. “Os adolescentes, sem o saber, são os que, na contemporaneidade, experimentam com mais radicalidade esta condição de sujeitos desalojados das amarras simbólicas. Por conta da suspensão do seu lugar de sujeito (suspensão que define a própria adolescência) e por serem mais suscetíveis à transformação social e tecnológica, os adolescentes constituem uma espécie de vanguarda que testemunha com nitidez e contundência – em seus atos, suas patologias, problemas e dificuldades de toda espécie – o efeito desta incidência da ciência e do capitalismo em sua forma extremada atual sobre o campo do sujeito.⁵⁴”

Dada a prevalência do uso da tecnologia por essa faixa etária, hoje a adolescência tem um papel preponderante para o mercado. Nem sempre foi assim. Em outras épocas, esta passagem durava menos tempo, e consumia menos esforços sociais e institucionais. A preocupação que vejo saltar nas instituições que se ocupam dos jovens – sejam elas escolas ou Organizações Não Governamentais (ONGs) voltadas para jovens aprendizes –, se apresenta sob rela-

54. COSTA-MOURA, F. Adolescência: efeitos da ciência no campo do sujeito. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005.

tos que vão do despreparo ao desespero, passando pela percepção real de que não há como dar conta das demandas desse período de tempo chamado adolescência, sobretudo por ele ter se tornado, na modernidade, cada vez mais prolongado.

Encorajada pela ciência e pela economia de mercado, nossa época assiste “ao incremento desmedido da duração da adolescência – potencializado pela necessidade de regular o acesso ao processo produtivo. Um tempo que se infla, mantendo os jovens suspensos nesta condição ‘entre-dois’ (infância/vida adulta), da qual parece ser cada vez mais difícil sair, e, de certo modo, condenando a adolescência a representar comumente, nos dias de hoje, uma crise – não apenas do ponto de vista subjetivo, mas também no que toca às alternativas discursivas que podemos oferecer ao adolescente”⁵⁵.

Dito de outro modo, que voz podemos dar a esse jovem, que não a regida pela economia do mercado? Como garantir seu lugar de sujeito?

O sujeito tem necessidade de ser escutado, levado em conta. Então, o que acontece com essa necessidade de ser considerado, quando um sujeito se dirige ao médico e este lhe receita um medicamento, sem ao menos escutá-lo? O que acontece com essa avidez, afã de encontrar um lugar no mundo característico de todo adolescente, quando isso é calado por um comprimido? “Comprimido”: eis um significante que a modernidade tratou de converter, até conferir outro sentido. Hoje é o próprio sujeito que se comprime em rótulos, ou através de objetos dispostos na prateleira. Para onde vai esse anseio humano pela troca de experiências, quando uma criança permanece hipnotizada o dia todo diante de um dispositivo eletrônico, interagindo com uma tela que não a vê e não lhe responde?

55. COSTA-MOURA, F. Adolescência: efeitos da ciência no campo do sujeito. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005.

Ao mesmo tempo em que o sujeito é o portador da doença (e, conforme sublinhado, notamos o aumento de casos de depressão, ansiedade, hiperatividade e outras doenças psíquicas), ele corre o risco de acabar sendo silenciado pelo próprio tratamento oferecido. É um paradoxo no qual estão mergulhados os jovens de hoje.

O uso excessivo de ferramentas digitais tem demonstrado uma competência para abafar a voz do sujeito desejante – esse sujeito insistente, sujeito do Inconsciente, metonímico, para o qual nada é capaz de preencher o suficiente para calar o desejo.

O Inconsciente é, assim, uma espécie de antídoto contra a desumanização. Não que a desumanização seja um propósito, não se trata aqui de demonizar os (já listados) benéficos avanços científicos e tecnológicos. Afinal de contas, quando falamos de ciência e tecnologia, estamos falando de um funcionamento inventado – ele também – pelo desejo humano.

Mas não podemos deixar de considerar que, ao mesmo tempo em que as invenções tecnológicas modernas respondem aos anseios do sujeito, paradoxalmente, o uso excessivo desses recursos pode trazer como efeito a obturação desse lugar subjetivo e singular que o determina há séculos, berço em que sempre repousou a humanidade.

O que vemos acontecer atualmente é que, por vezes silenciada, essa subjetividade acaba se manifestando sob formas radicais. Muitas vezes, sob a forma de transgressão.

Freud, num artigo intitulado “Criminosos em consequência de um sentimento de culpa”⁵⁶, sugere que alguns tipos de crimes são cometidos justamente para que as medidas punitivas, até então não situadas para aquele sujeito, se estabeleçam. Muitas vezes os adolescentes, manifestando-se em atos infantis, pedem por um li-

56. FREUD, S. (1916) Criminosos em consequência. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

mite. Ainda nessa mesma série de artigos, Freud anuncia, categórico: é preciso que a realização de desejo encontre seu limite, a fim de que o indivíduo não adoeça. O sujeito tende a arruinar-se quando experimenta de modo desenfreado a realização de suas fantasias⁵⁷.

Nesta direção, esses atos transgressivos, além de serem um sinal de uma recusa extremada, são tentativas de constituir um limite ao gozo desenfreado, a fim de reestabelecer o parcial do desejo. Mas, a que preço?

O sujeito sempre está às voltas com uma dívida, isto é, em última análise, com a questão do pai. Às vezes, o adolescente se coloca em posição de voltar-se contra isso, o que repercute numa complicação ainda maior, como as evidenciadas nos cada vez mais frequentes casos de transgressão. Estar às voltas com a filiação, poder abandonar o lugar de filho credor e passar a ocupar o lugar de sujeito devedor, é um complexo passo.

Mas esse passo é subjetivo para além de objetivo, ele não é determinado por evidências, tais como a independência financeira ou o seu estabelecimento numa nova casa. Poder dar um passo em direção à vida adulta significa abrir mão da posição infantil, e poder vivenciar e sofrer os efeitos da queda da perspectiva ideal que até então dominava a vida do sujeito.

O uso excessivo da tecnologia tem atrasado esse passo fundamental a ser dado, ao enfurnar o adolescente – com tantas ofertas de distrações ensimesmadas – numa autossuficiência virtual, numa perpetuação narcísica sem incômodos e que adia o seu encontro com o desejo.

57. FREUD, S. (1916) Os arruinados pelo êxito. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.



Novos laços

As famílias vêm se modificando de modo contundente com o advento da tecnologia, sobretudo nas últimas duas décadas. O núcleo familiar, que durante séculos foi composto por pessoas que se sentavam em torno de uma mesa e conversavam entre si, passou a ser determinado por uma conglomeração de indivíduos, em que cada um exerce suas atividades particulares, independentemente de compartilharem ou não o mesmo espaço.

As famílias brasileiras jantavam e assistiam lado a lado à novela das oito. Iam ao cinema juntas. Hoje, a família é um conjunto composto por vários sujeitos individualizados, realizando suas atividades e interesses pessoais. Cada membro da família se enclausura em seu próprio dispositivo móvel. “Compartilhar” é mais um dos significantes que a modernidade torceu, até extrair um outro sentido.

O jovem da era digital acede ao mundo adulto pertencendo a uma família que atualmente é regida por uma lógica individualista, na qual cada membro separadamente possui uma rotina própria, com horários diversos de alimentação, sono e até mesmo lazer. Disso vemos decorrer um isolamento, experimentado desde o núcleo familiar, que certamente trará consequências para esse jovem por ocasião de sua entrada no mundo adulto. Um jovem acostumado desde

a infância a exercer suas atividades cotidianas sozinho encontrará dificuldades para se adaptar aos horários coletivos impostos pelo empregador, por exemplo, numa primeira experiência de trabalho.

“Atualmente, o diálogo, que continua sendo vital entre pais e filhos, foi substituído por ruídos, silêncios ou barulho virtual, uma mixagem acelerada de imagens, sons e palavras estrangeiras, muitas vezes estranhas e desconexas produzidas pelas mídias digitais. O rádio e as cartas deram lugar às mensagens instantâneas trazidas pela TV e pelo computador”⁵⁸, conforme anuncia Eisenstein desde 2008.

São muitos os exemplos da transformação que tirou o foco e o interesse do jovem do mundo real para o mundo virtual. A vida em grupo hoje obedece a lógicas bem diferentes de convívio e interação. Numa festa, vemos que os adolescentes se comunicam entre si através de mensagens em suas telas, mesmo estando presencialmente no mesmo ambiente.

A realidade é essa que está diante de nós, nem melhor nem pior do que como acontecia antes do advento e do uso peremptório das novidades tecnológicas. Apenas devemos lembrar que, para um jovem chegar à vida adulta, é desejável que ele se engaje numa transmissão, e essa transmissão (em última análise, de valores) não se dá sozinha, nem por osmose. A transmissão, para todo e qualquer sujeito, necessária para a formação, só se dá na passagem por um Outro – Outro que precisa estar encarnado, seja na figura de um pai, seja de um professor ou de um analista. Isso não vai por si. É preciso considerar esse aspecto no que tange a análise dos elementos que estão em jogo para essa geração, moldada pelo uso quase sem intervalos das ferramentas digitais.

58. ESTEFANON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. Desenvolvimento Biopsicovirtual. In: ESTEFANON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. *Geração digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2008.

Estar na presença dos familiares, entregar-se de modo a emprestar seu corpo físico à rotina de uma escola, enfim, expor-se ao convívio com os outros sempre foi um exercício imprescindível para que o sujeito, dali, pudesse extrair alguma transmissão, para que dali pudesse tecer suas impressões de vida, o que só se dá através desse contato e dessa troca: troca simbólica, troca subjetiva.

Nesse sentido, as inúmeras ofertas midiáticas trouxeram muitas consequências. São ofertas que promovem um tipo de interação que limpa da cena o exercício de convivência entre o sujeito e o outro – com tudo que traz de incômodo, mas imprescindível, para operar a entrada na cultura.

Fora isso, as mídias incidem sobre uma característica muito própria dos jovens: a busca da certeza quanto ao lugar que ocupam no mundo. Elas atuam de modo a explorar essa incerteza: “A busca pela autonomia e pela independência perante os pais e a geração anterior traz contradições e ambivalências muito exploradas pelos meios de comunicação. Por um lado, a mídia ‘glamoriza’ a eterna juventude e, por outro, ensaia quebrar tabus e estereótipos. A sexualização dos programas e o apelo à violência por meio da televisão e do computador tem influenciado novos comportamentos de risco entre os adolescentes, como o aumento da ansiedade, do medo, além de ‘dessensibilizar’ para os conflitos à volta. O cérebro em crescimento exige mais atenção, cuidado, nutrientes básicos e períodos de repouso com sono adequado. E não estar permanentemente estimulado e estressado, experimentando situações radicais tão comuns na rotina dos jovens. Tudo ao mesmo tempo e acelerado num verdadeiro furacão digital^{59!}”

59. ESTEFANON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. Desenvolvimento Biopsicovirtual. In: ESTEFANON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. *Geração digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2008.

Em minha experiência, tenho escutado dos educadores o quanto as empresas se ocupam, ou melhor, se preocupam, com as consequências desse furacão. Por exemplo: alguns jovens aprendizes encaminhados para funções que requerem o contato com pessoas (recepcionistas, telefonistas) não suportam ficar sem checar instantaneamente suas mensagens no aparelho móvel, o que causa irritação e decepção aos empregadores. Há, ainda, relatos de jovens que não se habituam à convivência em ambientes cheios de gente, encontrando dificuldades de adaptação.

Esses jovens que ingressam no mercado de trabalho atualmente foram crianças criadas pelas novas famílias, formadas e forjadas com (e pela) presença da tecnologia, desde cedo.

Certa vez, ao terminar uma palestra realizada para 350 jovens⁶⁰, fui abordada por um rapaz de 18 anos que, muito aflito, me endereçou a seguinte pergunta: “Me preocupo com a minha irmã de 7 anos, pois ela não tem vida fora do celular. Mas, como posso impor alguma restrição, se ela vê que a minha mãe amamenta o meu irmão de 1 ano olhando, o tempo todo, o *smartphone*?” É diante dessa situação que estamos. O exemplo é interessante, pois evidencia o uso que fazemos da tecnologia numa situação emblemática, cena da qual a Psicanálise se ocupa há mais de um século.

A relação da mãe com o seu bebê – esse futuro sujeito – é o lugar primordial de transmissão de uma subjetividade. Isso se dá a partir do olhar da mãe sobre o filho (no momento da amamentação, especialmente), constitutivo daquilo que Freud nomeou narcisismo e que, mais à frente, será interrompido pelo Édipo, isto é, pela presença de uma proibição, de um limite.

Não é somente com leite que uma mãe alimenta um filho, mas com o seio. Desde o início já não se trata de oferecer ao sujeito

60. Série de palestras, intituladas “Tecnologia e novas subjetividades”, realizadas no CIEE de SP, em 2019.

um objeto que corresponda às necessidades biológicas, pois esse seio vem e vai, aparece e desaparece, modulando – entre presença e ausência, para cada sujeito – o tempero do que mais tarde poderá vir a se tornar seu objeto de desejo. É sobretudo com um olhar sobre o filho que a mãe o alimenta. Olhar que irá, num primeiro momento, narcísico, estabelecer no sujeito uma sensação de completude (Freud se refere a uma “mônada narcísica”)⁶¹ que depois, numa temporalidade lógica, será interrompida com a entrada da função paterna.

Lacan denomina Estádio do Espelho⁶² esse momento indispensável do sujeito, constituído pelo olhar da mãe sobre um bebê. Nele, a criança, ainda imatura organicamente, se identifica com a imagem de si apontada no espelho pela mãe. O bebê se encanta ao ver-se inteiro, se regozija dessa imagem produzida pelo espelho (causada, sobretudo, por essa função do olhar da mãe, que, ao apontar para o espelho lhe diz: “eis fulano de tal”). Essa imagem se torna para o sujeito a silhueta que irá constituir seu “eu”.

Na modernidade, é como se o sujeito se aprisionasse nesse momento constitutivo em que se alegra da imagem de si produzida no espelho, perdurando por horas e dias a fio nesse Estádio feito para ser apenas um lugar de passagem. A operação do Estádio do Espelho, que serviria como via para uma inserção no Simbólico, parece ter se tornado a alternativa de uma experiência perpétua para o sujeito moderno.

Se essa operação perdura ao infinito, o que podemos esperar? Sem a entrada do Simbólico, barrando a autossuficiência do ideal

61. FREUD, S. (1914) Para introduzir o narcisismo. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XXIV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

62. LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

da imagem de si, como desejar que o sujeito se lance nas exigências Simbólicas e nas manifestações do Real que caracterizam a vida adulta, para além do reflexo do espelho? Que lugar haverá para o desejo – que é sempre de Outra coisa – se uma separação não se constituiu a partir dessa dimensão produzida pelo olhar da mãe?

É como se a subjetividade estivesse apoiada atualmente de modo a dispensar qualquer separação, vital para a saúde psíquica do sujeito.

Freud se serve de um modelo lúdico para caracterizar a dimensão da separação, que se dá através de uma perda (perda de objeto) para a criança. O exemplo, retirado por ele da observação de uma brincadeira de seu neto com um simples carretel de linha, ele intitula *fort-da*⁶³.

A experiência da criança ao arremessar para longe (*fort*) e trazer de volta (*da*) um carretel retrata a renúncia ao objeto materno, o qual o bebê faz ir e vir, de modo a harmonizar o desagradável da vivência de separação da mãe. O pequeno sujeito elabora, através da brincadeira, o luto necessário decorrente da experiência de separação.

Ao evocar esse exemplo⁶⁴, Lacan acrescenta que a criança está, na verdade, colocando em jogo a operação da repetição. Mas é uma repetição que traz à tona sua diversidade mais radical. O que está presente ali é uma insuficiência, na medida em que esse jogo elucidada que “a realização do significante não poderá jamais ser bastante cuidadosa em sua memorização para chegar a designar a primazia da significância como tal”⁶⁵. O exemplo do *fort-da* ilustra de forma lúdica a presença do Simbólico entrando na vida do sujeito.

63. FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

64. LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

65. *Ibid*, p. 62.

Trata-se da afirmação, neste simples vai e vem, da presença da materialidade da palavra. No jogo do carretel, o objeto passa, naturalmente, para o plano da linguagem. O símbolo emerge, e torna-se mais importante que o objeto em si.

Tempos remotos. Hoje, nossas crianças brincam desde cedo com os dispositivos eletrônicos, e essa brincadeira raramente inclui um movimento de idas e vindas, presença e ausência – de modo que esse objeto permanece sempre agarrado ao corpo. Hoje, um *smartphone* imputa à criança a presença do objeto em si. Ele mesmo, palavra e coisa. Ele mesmo, símbolo e presença, ininterrupta.

“Tablets reagem a gestos, e não a palavras. Eles pacificam não apenas porque fazem a função do carretel que substitui o adulto cuidador, mas porque propõem novos estímulos visuais e acústicos⁶⁶.” As telas são uma forma eficaz de minimizar, ou mesmo eliminar, esse intervalo de tempo no qual necessariamente a presença do Outro aparece, insuficiente ou desconfortável. Em suma, é um modo de eliminar a separação.

Movimento perigoso, visto que se separar do Outro é absolutamente imprescindível para que um sujeito possa vir a aspirar alguma companhia.

E, vale ressaltar, separação não é isolamento. Como diz o poema, “a solidão é um campo muito vasto que não se deve atravessar a sós”⁶⁷. Por mais paradoxal que pareça, somente a separação permite ao sujeito que ele não caminhe pela vida tão só.

66. DUNKER, C. Reinvenção da intimidade. São Paulo: UBU, 2017. p. 139.

67. LUFT, L. Canção em campo vasto. In: LUFT, L. *Secreta Mirada*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Quando falta palavra

A adolescência é esse momento de confrontação com o Outro, isto é, com a alteridade, diferença. O que acontece quando esse adolescente não possui elementos de linguagem para lidar com isso no campo Simbólico, da palavra? Acontece que ele atua. Ou, em alguns casos mais graves, ele passa ao ato. Ali onde a palavra e a elaboração simbólica faltam, a passagem ao ato se faz presente.

Essa atuação Freud chama de *acting out*. É um ato decorrente da falta de palavra, se expressa corporalmente, mas ainda é endereçado ao Outro. Normalmente esse Outro está encarnado na figura de alguém com quem o jovem esteja muito envolvido: o analista, o professor, os pais, o chefe.

Já a passagem ao ato é um ato sem mediação, sem a dimensão da companhia que a palavra poderia trazer, e, dessa vez, ejetando o próprio sujeito da cena. Não há mais, na passagem ao ato, qualquer endereçamento ao Outro.

Os atos que temos testemunhado no trabalho junto aos jovens – e que aparecem nos relatos dos educadores como manifestações que acontecem em sala de aula – confirmam que eles têm experimentado uma dificuldade a mais para se fazerem ouvir.

Podemos citar, como exemplos que evidenciam essa dificul-

dade, as crises de pânico, os transtornos alimentares (anorexia, bulimia, compulsão), as tentativas de fuga, os sumiços, os atos delinquentes, a agressividade e o uso de drogas. Os cada vez mais crescentes relatos de automutilação e as tentativas de suicídio são as consequências mais radicais disso.

É como apelo ao Outro que um sujeito realiza esses atos. É, ainda, para incluir o Outro neste endereçamento (no caso do *acting out*), e por isso é tão importante que possamos escutá-lo. Um educador que esteja atento a isso perceberá que essa enunciação precisa encontrar um lugar de pouso, fica notório que aquele jovem precisa falar. Que esse jovem possa se fazer valer com palavras, em lugar de atitudes soltas e inconsequentes: eis o que pode ser articulado pelo educador.

Embora ele não esteja lá para fazer o papel do psicanalista (não se trata de sua função ou sua atribuição), ainda assim ele pode, escutando que há ali um jovem endereçando sua mensagem, fazer o encaminhamento necessário e conferir a essa mensagem um porto. Certamente é um caminho que pode evitar uma passagem ao ato.

A passagem ao ato é uma importante referência teórica que pode e deve iluminar a prática do profissional que lida com jovens. Nessa direção, a psicanalista Ana Cristina Manfroni afirma que a dificuldade do sujeito nos recursos à simbolização “pode ser de tal ordem que os problemas com as injunções da linguagem se assemelhem aos da psicose, carregando em tintas a sintomatologia desse quadro de crise psíquica e confundindo aqueles que, de uma forma ou de outra, têm que se haver com o adolescente. Esse perigo pode contaminar com facilidade aquele que emite a palavra ou que a representa, o que torna muito difícil o trato com o adolescente, principalmente quando se está em posição de transmissão ou tratamento. Esse perigo real pode levá-lo, e frequentemente leva, a prescindir da presença real daquele que pode lhe dizer coisas ou fazê-lo

falar. A presença real, de um pai ou de um Outro que faça presença, é fundamental para as operações de simbolização fundadoras de uma ética e de uma subjetividade, posição do sujeito pressuposto, necessária à vida social”⁶⁸.

Esse é um desafio grande para pais e educadores, visto que “o adolescente, mais do que qualquer outro, deseja – ao mesmo tempo que detesta – isso que nos pede. Ele nos pede que sejamos coniventes com sua atopia, com sua falta de lugar, com o não reconhecimento do valor de sua palavra. (...) Ele esvazia o sentido da norma, da normalidade, mas faz isso só para fixar novos e restritivos sentidos, o que o deixa sem possibilidade de fazer laço social, numa camisa de força. Ou fica só ou faz bandos, grupos em torno de algum sentido fixado, de algo emblemático, que se constitui como tentativa frustrada de alguma simbolização”⁶⁹.

Oferecer um lugar de fala ao jovem é, portanto, tirá-lo dessa posição onipotente que, na prática, o segrega da vida em grupo e convidá-lo a um lugar de pertencimento e responsabilidade, lugar adulto, de onde ele poderá responder singularmente.

Toda instituição que se destina a trabalhar com adolescentes deve considerar esse ponto: para favorecer que a singularidade de cada um, advinda de seu lugar de fala, é preciso que alguma escuta seja mantida.

Em Juiz de Fora (MG), funciona, desde 2001, um lugar exemplar de referência que recebe adolescentes em situação de risco, o Instituto Veredas. É um exemplo prático, mas sobretudo ético, de como as paredes de uma instituição podem servir como balizas para um jovem que se encontra nesse grau de sofrimento, e sem lugar de fala. Entre os trabalhos dessa ONG, credenciada pela Secretaria

68. MANFRONI, A.C. O adolescente: entre a violência e a palavra. *Tempo Freudiano – Associação Psicanalítica*, 2015.

69. Idem.

de Desenvolvimento Social e em parceria com a Secretaria de Educação, está o atendimento clínico já oferecido para mais de 1.200 jovens em situação de conflito com a lei.

A psicanalista Maria Elvira Navarro, presidente do Instituto Veredas, salienta que, para que esse trabalho de escuta se dê a contento, é importante a relativização das vaidades pessoais. É o preço que se paga quando se trabalha com adolescentes neste tipo de situação: “Para que cada menino ou menina emergja na sua singularidade, não é sem o apagamento de cada profissional que opera aí⁷⁰.”

Conforme vimos até aqui, a falta de uma função que favoreça ao sujeito a entrada no campo Simbólico leva a casos extremos, muitas vezes de violência. Esses atos podem ser tentativas de entrada nesse campo em que ele está situado na margem: “Se partimos do fato de que o ato específico do adolescente tende a se situar na margem da dimensão da palavra, podemos afirmar que suas tentativas de apropriação, quer de objetos, quer do outro, pela violência, devem ser lidas por nós como tentativas de aquisição de uma inscrição, de uma insígnia paterna, legítima, que lhe foi, a depender do caso, precariamente transmitida pela filiação simbólica.⁷¹”

Numa busca de inscrição, o jovem encena aquilo que não pode dizer com palavras. A passagem ao ato indica que sua palavra não se inscreveu no mundo. A violência irrompe a partir do momento em que as palavras não têm mais eficácia, perderam seu valor Simbólico em sua função de designar lugar e limite. Para entender a violência juvenil, é preciso olhar para os reflexos da realidade em que vivemos. “Estamos num momento em que os lugares de autoridade estão degradados, sendo preciso resgatá-los, pois a autoridade é organizada”, afirma Claudia Deotti, coordenadora do Instituto Veredas.

70. Fala proferida por ocasião do “I Simpósio de Psicanálise, Educação e Laço Social” – UFJF, 2018.

71. Idem.

O resultado de ações fundamentais como as do Instituto Veredas é percebido sob a forma de uma maior organização psíquica e um menor esgarçamento subjetivo do jovem, cujos efeitos o beneficiam em rede: podem ser observados nos seus laços com a família, com a escola e com o trabalho.

Trazendo para o escopo da educação, testemunhamos que aquilo que precisa ser dito pelo jovem em sofrimento desponta muitas vezes em plena sala de aula. Às vezes, esse é o lugar que ele encontra para fazer valer sua verdade, algum dizer. Nessa fase, em busca de uma identidade e um lugar no mundo, é importante para o jovem afirmar seu estilo. Mas, vivendo numa cultura engessada pelo Imaginário e cada vez menos aberta para as manifestações singulares, é frequentemente ali que ele vai encontrar uma chance de se posicionar.

Muitas vezes, isso consiste numa encenação, uma cena dirigida para um olhar que possa testemunhar isso. A transgressão entra aí também. Arroubos desesperados em busca de plateia podem ser tentativas de afirmação de um lugar subjetivo. Paradoxalmente, a internet também fomenta isso, conforme vemos na explosão de casos de tiroteios, massacres e ataques suicidas, realizados por jovens isolados. A internet os incentiva, seja pelo isolamento prolongado que ela suscita nos jovens, seja pelo empuxo à perspectiva de uma vida ideal, postada e propagada 24 horas por dia. A valorização e a busca pela fama e pelas milhares de curtidas, preconizados na modernidade, também impulsionam esses comportamentos extremados de passagens ao ato.

Um adolescente não afirma, para ele e para os outros, a sua identidade própria, senão dentro do reconhecimento de interlocutores com quem ele pode compartilhar uma mesma proibição clara, que lhe permite encontrar legitimidade em suas vontades e desejos. Mas isso pressupõe que o adulto a quem ele se dirige seja um sujeito

que esteja, ele mesmo, confrontado a algumas proibições também, isto é, que as tenha podido acatar para si mesmo, reconhecendo seus próprios limites. Só um adulto que passou pela castração pode transmitir os limites e as proibições que ela representa.

Por isso é tão importante que um jovem possa encontrar em seus relacionamentos mais próximos uma fala confiável, que comporte uma restrição do gozo ligada a uma satisfação adiada, para que a sua identidade se encontre validada e possa lhe dar alguma garantia na busca que se segue.

As encenações, assim como as transgressões, são apelos a essa interdição, formadora, que muitas vezes o adulto evita para si mesmo, assim como são também apelos ao exercício da autoridade.

Sobre isso, é sempre bom lembrar que autoridade não é autoritarismo. Quando aponto que estamos presenciando os efeitos, nos jovens, de uma cultura tecida sob o enfraquecimento da autoridade, isso não quer dizer de forma alguma que os responsáveis devem recair na arrogância do autoritarismo. É possível ter autoridade sem precisar ser autoritário.

Aliás, temos visto que globalmente o mundo caminha na direção de encontrar respostas autoritárias diante da falta de limites e da derrisão do Simbólico. Mas garantir um lugar de fala é promover uma alternativa ética, que permite respirar para além dos ideais polarizados para os quais a cultura nos tem empurrado, numa surdez que condena o adolescente a uma perigosa atopia que o induz ainda mais à passagem ao ato.



Uma nova forma de adição

Alguns recentes artigos científicos dão notícias de que o uso das ferramentas digitais, sobretudo por parte dos jovens entre 13 e 25 anos, traz malefícios para a saúde já catalogados, sendo excessivo a ponto de atingir níveis de adição.

Muitos são os termos utilizados na literatura para definir o uso abusivo de ferramentas digitais: *Pathological Internet Use*, *Internet Addiction Disorder*, *Compulsive Internet Use*, *Computer Junkies* e *Internet Dependency*, entre outros⁷². Essa pluralidade de definições ocorre, basicamente, pelas diferentes procedências das áreas de atuação dos profissionais que buscam compreendê-la.

Esses dados têm sido observados por uma extensa gama de profissionais, incluindo pediatras, psiquiatras, neurologistas, psicólogos, psicanalistas, educadores, pesquisadores da área de saúde mental, advogados, entre outros, em que são levados em consideração diferentes aspectos dos comportamentos dos jovens, na tentativa de contextualizá-los.

Dentre as dependências sem substâncias, comparáveis aos comportamentos compulsivos, o “jogo patológico” foi o que recebeu

72. PEZOA-JARES, R. E.; et al. Internet addiction: A review. *Journal of Addiction Research & Therapy*, S. 6, 2012.

reconhecimento nas classificações oficiais da psiquiatria. Alguns autores se referem ao TAI (transtorno de dependência de internet ou IAD, *Internet Addiction Disorder*). Atualmente existe um protocolo seguido por pediatras, dadas as consequências orgânicas que chegam cada vez mais frequentemente aos consultórios médicos.

São questões que atravessam os jovens do mundo todo, a despeito das diferenças demográficas, culturais, religiosas e econômicas. Quando nos pautamos nas pesquisas realizadas em vários países, notamos que se trata evidentemente de um fenômeno global.

Vemos que a Dependência de Internet está presente em qualquer faixa etária, nível educacional e estrato socioeconômico. O Brasil ocupa o primeiro lugar do mundo em termos de tempo de uso. “Inicialmente, acreditava-se que esse problema era privilégio de estudantes universitários que, buscando executar suas atribuições acadêmicas, acabavam por permanecer mais tempo do que o esperado, ficando enredados na vida virtual. Entretanto, tais pressuposições mostraram ser pura especulação. Sabe-se, hoje, que à medida que as tecnologias invadem progressivamente as rotinas de vida, o contato com o computador cada vez mais deixa de ser um fato ocasional e, portanto, o número de atividades mediadas pela internet aumenta de maneira significativa, bem como o número de acessos e tempo medido na população brasileira que, atualmente, ocupa o primeiro lugar no mundo em termos de conexão doméstica (à frente dos americanos e japoneses)⁷³.”

Há evidências ligando a maioria dos jovens dependentes de internet com algumas formas apresentadas de vulnerabilidade. Percebe-se uma baixa tolerância à frustração, ansiedade, baixa autoestima. O jovem busca no uso maciço digital uma forma de aplacar

73. ABREU, C. N.; KARAM, R. G.; GÓES, D. S.; Spritzer, D. T. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos, uma revisão. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 30, n. 2, 2008.

esses males, mas o resultado que encontra é o oposto disso: “Dentre outras deficiências, a rede mundial torna-se uma das melhores formas de diminuição do estresse e do medo da vida real. Entretanto, nossa crença é de que, à medida que esses internautas se refugiam progressivamente no mundo virtual e se aliviam das experiências de vida, tais comportamentos começam a exibir características muito mais peculiares e intensas daquelas inicialmente apresentadas. Portanto, nesse momento, passariam a assumir uma nova forma de classificação psiquiátrica – a então denominada dependência de internet. A essa altura, comportamentos muito específicos começam a ser exibidos, fazendo com que os indivíduos literalmente troquem a vida real pela vida virtual (dentro da internet), pois encontram mais satisfação nesse mundo anônimo do que aquela desfrutada no mundo real (estão escondidos atrás da tela)⁷⁴.”

A dependência digital atinge hoje todas as idades, mas é evidente que sua incidência é maior entre os jovens. O celular deixou de ser apenas um aparelho, para se tornar uma extensão do corpo. Ao alcance de um clique, tem-se acesso a todos os livros já publicados no mundo, a todas as pesquisas já feitas, a todos os jogos disponíveis, a todos os contatos com quem se quer ter alguma relação, a todas as mídias que facilitam essa comunicação. Enfim, diante disso, o que ainda pode nos fazer falta?

Não há separação entre o sujeito e esse reluzente objeto promissor de completude, como vimos. É uma relação objetal que não inclui a separação. E, à diferença de outros objetos de adição (drogas, alimentos etc.), nesse não há qualquer intermediação imposta pela cultura. Para comprar cocaína ou chocolate, o sujeito precisa minimamente sair de casa, pagar pelo produto, encontrar alguns

74. ABREU, C. N.; KARAM, R. G.; GÓES, D. S.; Spritzer, D. T. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos, uma revisão. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 30, n. 2, 2008.

outros. No caso do dispositivo móvel, isso não é necessário. Daí seu alto poder de dependência. Estamos diante de uma nova forma de adição.

O jovem usa a rede como uma ferramenta social. A experiência de prazer e satisfação que obtém quando está conectado substitui o prazer que poderia obter fora, na realidade. A experiência virtual produz um prazer entorpecente, a tal ponto que os adolescentes dispensam refeições, perdem o ciclo do sono, não saem mais de casa, apesar dos prejuízos evidentes no trabalho e nas relações pessoais.

Dentre os fatos relatados pelos próprios jovens e sobretudo pelos pais, como consequência do uso excessivo das ferramentas tecnológicas, estão o mau humor, a irritabilidade, o distanciamento na relação entre pais e filhos, a queda do rendimento escolar, o desinteresse pelas atividades esportivas, o choro fácil, a diminuição dos cuidados com a própria aparência, com a alimentação e com a higiene pessoal, a reclusão, o isolamento social, entre outros. “Todavia, acreditamos que pesquisas futuras responderão se a internet deve ser entendida como uma das novas síndromes psiquiátricas do século XXI ou apenas um novo campo de expressão dos velhos problemas⁷⁵.”

Algumas consequências do uso excessivo da tecnologia estão listadas em pesquisas desde 2008⁷⁶. São elas:

- Isolamento e apatia
- Sedentarismo e obesidade
- Diminuição da atenção e da concentração

75. ABREU, C. N.; KARAM, R. G.; GÓES, D. S.; Spritzer, D. T. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos, uma revisão. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 30, n. 2, 2008.

76. ESTEFANON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. Desenvolvimento Biopsicovirtual. In: ESTEFANON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. *Geração digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2008.

- Lesão de esforço repetitivo (LER)
- Síndrome cervical
- Dor de cabeça
- Síndrome de visão de computador (lesões nos olhos)
- Distúrbios do sono
- Estímulo à depressão
- Irritabilidade, agressividade e comportamentos violentos

Nos meios científicos há inúmeros artigos que tecem uma ligação direta entre o uso das ferramentas digitais de modo contínuo e a dependência, já tão difundida, à qualquer outra droga, como a maconha ou o álcool. Para pesquisadores da *Charité University Hospital Berlin*, os efeitos de recompensa extraídos no contato do usuário com a internet são fomentados pela liberação na corrente sanguínea da dopamina – substância produzida pelo organismo, responsável pela sensação de bem-estar. Estes cientistas também reforçam a tese de que certos sinais, típicos da síndrome de abstinência de qualquer outra droga, são os mesmos que podem ser verificados nos jovens usuários assíduos de internet e jogos.

A adição tem a ver com a avidez da compulsão. Fomos nos tornando ávidos pelo consumo, pelo objeto maravilhoso disposto logo ali na prateleira, sempre prestes a ser adquirido – às vezes por valores razoáveis, e envolto numa promessa literalmente brilhante de completude.

Certa vez participei de um debate e ouvi a seguinte pergunta de um jornalista: “Mas, qual é a diferença entre o celular e a televisão de três décadas atrás, diante da qual também nos capturávamos e nos prendíamos por horas a fio?” A diferença é simples, mas gigantesca: havia um afastamento, mínimo, entre o telespectador e a TV. A TV não estava grudada ao corpo. E, depois da Sessão Coruja (entendedores entenderão), não era mais oferecido ao telespectador nenhum programa. Havia um fim, um intervalo na transmis-

são. Pois bem: para que uma transmissão se dê, é preciso que haja intervalo.

Fora isso, a tela da TV não permite interação, não evoca a participação do sujeito. Estamos testemunhando, pela primeira vez na história da humanidade, um objeto de adição que permanece ao alcance das mãos (extensão do corpo do sujeito), não incluindo uma relação de “troca” nem qualquer distanciamento. Daí a facilidade do aumento do uso, da falta de limite e seu caráter permeável na modernidade.

Trata-se de uma nova forma de adição: uma dependência que não pressupõe a distância entre o sujeito e seu objeto – esse mínimo espaço que nos constitui enquanto incompletos e que, por isso mesmo, garante a existência, e a mobilidade, de qualquer desejo. Percebe-se uma relação do sujeito com seu objeto em que a satisfação está configurada de tal modo que não inclua a falta, o intervalo, o espaço vazio. Tudo que o sujeito precisa ele pode encontrar ao alcance das mãos (o dispositivo móvel traz todas as ferramentas necessárias ao nosso dia a dia, incluindo também aqueles que ainda nem sabemos que vamos precisar). Em breve, os aparelhos móveis serão substituídos pela nova geração de *wearables*⁷⁷ e farão mais ainda parte do nosso corpo, como são hoje a mão, o pé, o fígado e o rim.

Estamos portanto diante de uma subjetividade diferente da que existia nos tempos de Freud e que era forjada pelo limite, pela castração, pela distância até então inexorável entre o sujeito e seu objeto (perdido) de satisfação.

Trata-se do que Melman denominou como nova economia psíquica (NEP)⁷⁸, economia que escamoteia e avança na direção de abolir toda e qualquer diferença – o que, para a Psicanálise, é sem-

77. Tradução: “usáveis”. A tendência dos vindouros aparelhos é serem acoplados ao corpo: relógios, óculos, fones de ouvido etc.

78. MELMAN, C. *O homem sem gravidade*. São Paulo: Companhia de Freud, 2003.

pre a diferença sexual. É desse modo que observamos o sexual se tornar mais uma mercadoria, entre tantas, disposta no cardápio dos aplicativos.

No entanto, tudo que se ganha por um lado, se paga por outro. O sujeito nunca abandona de bom grado um objeto, ele apenas o substitui, diria Freud⁷⁹. O cobertor da satisfação, para o sujeito, é sempre curto. Então, onde essa bomba irá estourar?

É natural que, diante do mal-estar que experimenta, o sujeito busque soluções reconfortantes e o celular foi se tornando esse objeto. Os medicamentos também: em forma de poção, oferecem a mágica capaz de curar uma insatisfação. Mas, a busca de conforto, quando levada ao grau máximo, pode também liquidar o sujeito. Afinal, o que nos define como humanos, senão justamente as idiosincrasias, os defeitos, os pontos fora da curva, enfim, os efeitos daquilo que não vai tão bem?

Sim, o desejo pode ser bastante desconfortável. Mas, em contrapartida, sem desconforto não há espaço para o desejo. A exacerbação atual do ideal de conforto, encorajada pelas descobertas modernas e potencializada pela economia de mercado, é uma defesa diante do desejo, uma defesa ante esse movimento que desarruma todo o conforto almejado.

Mas, lembrando Clarice Lispector, “até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”⁸⁰.

79. FREUD, S. (1895) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. III, Rio de Janeiro: Imago, 1969; e FREUD, S. (1911) Luto e melancolia. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

80. LISPECTOR, C. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.



Hiperatividade, epidemia do século

O modelo de vida atual, de temporalidade instantânea e cotidiano apressado exige que estejamos sempre em movimento. Nos corredores de cada instituição, parece estar escrito: “É proibido ficar parado.” Mas é preciso não esquecer que é somente sob uma temporalidade que inclua intervalo que podemos ser surpreendidos por alguma forma real de produção.

O desejo deve sua existência a uma pausa, como vimos no exemplo da transitoriedade: é preciso que uma safra termine para que uma outra, nova, possa advir. Sempre houve uma recusa a isso, e, ao longo do tempo, fomos mais ou menos resilientes sobre esse aspecto. Mas nunca fomos tão refratários a esse fato que constitui, no final das contas, a nossa condição básica de humanidade: somos passageiros.

Toda essa condição apressada termina por nos deixar sem casa. É de um sujeito sem pouso, sem ponto de basta, movendo-se numa cultura que induz à permanente conectividade que se pode tratar na hiperatividade contemporânea.

A recente pandemia que nos pegou de surpresa e trouxe com ela, além de toda restrição e todo temor, o desafio de nos colocar novamente em casa. Essa casa que havíamos perdido pela condição

da pressa cotidiana. Um vírus invisível nos lançou na obrigação da pausa, o intervalo compulsório. Mundialmente, fomos forçados a parar, e eis que nos recolhemos ao nosso antigo abrigo.

Na hiperatividade, é como se o sujeito estivesse sem abrigo. Melman diz que “pelo fato dessa ultrapassagem de um limite, o sujeito, o do Inconsciente, o que se encontra animado pelo desejo, perdeu seu abrigo. Perdeu sua casa, sua fixidez, mas também o lugar que lhe permitia se sustentar. (...) Hoje podemos dizer que estamos lidando com sujeitos flexíveis e perfeitamente capazes de se modificar, de se deslocar, de mudar, de empreender carreiras ou experiências diversas. (...) Na medida em que já não dispõem desse lugar, são capazes de se prestar a toda uma série de moradas. Tornaram-se estranhos locatários capazes de habitar posições *a priori* perfeitamente contraditórias e heterogêneas entre si”⁸¹.

Recentes artigos científicos validam o diagnóstico de TDAH⁸² como um dos principais transtornos infantojuvenis do nosso século. O trabalho em escolas confirma isso há décadas. Mas, simultaneamente, há uma corrente de estudiosos e pesquisadores que afirma ocorrer frequentemente uma inflação deste diagnóstico, repercutindo num excesso de medicalização com efeitos devastadores para a população jovem mundial.

A psicanalista M. Kamers discute, apoiada no livro de Patrick Landman⁸³, o excesso de diagnósticos de TDAH: “O livro de Landman se inscreve dentro do contexto de movimentos, atos e publicações que visam a frear os abusos cometidos em nome do DSM e da psiquiatria biológica que, ao ampliar os critérios diagnósticos,

81. MELMAN, C. *O homem sem gravidade*. São Paulo: Companhia de Freud, 2003.

82. TDAH: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

83. LANDMAN, P. *Tous hyperactifs?: L'incroyable épidémie de troubles de l'attention*. Paris: Albin Michel, 2015.

conduz ao apagamento do sujeito promovido por uma trágica patologização e medicalização da vida⁸⁴.”

Certa vez, em meu trabalho como psicóloga de uma escola, recebi da coordenação a indicação de acompanhar uma aluna que fora diagnosticada com TDAH. Os pais já haviam se consultado sobre a desatenção da filha com o pediatra, que a encaminhou para o neurologista infantil, que realizou uma bateria de testes e depois a encaminhou para o psiquiatra, que receitou Ritalina.

“Diagnóstico resolutivo e inquestionável”, diziam os pais, ao dirigirem-se ao coordenador da escola munidos da exigência legal (autenticada por um advogado) de que a menina de 14 anos fosse acompanhada por algum profissional da escola durante todas as provas. Acatei o pedido da coordenação, mas fiz questão de, antes de que ocorresse a primeira prova, ouvir a menina – que, por incrível que pareça, jamais havia sequer pisado na minha sala.

Ela entrou, se sentou, e eu perguntei: “E então, Fulana, chegou até mim que você anda um pouco desatenta, como é isso pra você?” Ela desandou a falar. Narrou o seguinte: “Sabe o que acontece, Sandra? A aula começa e vou até conseguindo prestar atenção, mas, num dado momento, olho para a maçaneta da porta e vejo que ela está torta. Aí não consigo parar de pensar que tenho que ir lá consertá-la. Quando estou em casa estudando ocorre o mesmo, se vejo que há livros sob a mesa empilhados tortos, não consigo focar até que eu vá acertá-los. É assim que qualquer coisa chama a minha atenção, e então eu me distraio...”

Ora, percebi imediatamente que não se tratava de hiperatividade ou déficit de atenção, mas, sim, de uma fala que claramente indicava traços obsessivos, sintomas que, em nada, seriam ajudados pelo

84. KAMERS, M. A falsa epidemia do TDAH e os impasses no uso da metodologia DSM na infância. *Estilos da Clínica*, v. 21, n. 2, 2016. DSM: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

uso da Ritalina! Ao contrário: o excesso nos diagnósticos de TDAH e o uso indiscriminado da Ritalina é uma forma de silenciar as crianças.

Um levantamento feito em 2012 indica o aumento de quase 800% no consumo dessa substância no Brasil⁸⁵. Não bastasse os muitos casos conduzidos com abuso, há também um número alarmante de jovens que utilizam a droga para melhorar seu rendimento em provas de escola ou universidade, concursos públicos ou, ainda, buscando obter melhor desempenho no trabalho.

A hiperatividade tem uma ligação estreita com a falta de limite e é um produto evidente da modernidade. O psicanalista J. Bergès inicia seu trabalho sobre o tema dedicando-se à questão das crianças hipercinéticas⁸⁶. Ele apresenta uma visão histórica do aparecimento do diagnóstico de hiperatividade no mundo moderno: em 1923, surgiu a questão das crianças hipercinéticas, logo após a epidemia de gripe e encefalite que assolou a Europa, após a Primeira Guerra Mundial. As sequelas desta encefalite eram a incapacidade de se concentrar, a dificuldade de ficar quieto, os problemas de memória e aprendizado. Em 1960, nos EUA e no Canadá, descreve-se a síndrome das crianças hipercinéticas como consequência de toda encefalite. Bergès diz que “de início se descreveu um sintoma em que a hiperatividade motora era predominante; em seguida, juntaram-se em torno dessa hiperatividade motora os diversos sintomas que vocês conhecem, cognitivos, de memória, de comportamento social, de inadaptação”⁸⁷.

A partir de 1940, Gesell⁸⁸ iniciou uma abordagem sobre o que

85. Dados retirados de pesquisa realizada no Instituto de Medicina Social da UERJ.

86. BERGÈS, J. *O corpo na neurologia e na psicanálise*. Porto Alegre: CMC, 2008.

87. Idem.

88. Arnold Gesell foi um psicólogo clínico americano, pediatra e professor de Yale, conhecido por sua pesquisa no campo do desenvolvimento infantil (1880-1961).

Bergès chamou de paralelismo psicomotor, ou seja, um paralelismo entre a maturação das estruturas do sistema nervoso e o desenvolvimento das funções motoras. Percebe-se assim que existem fases, estágios, em que é esperada uma harmonia entre o desenvolvimento da maturação motora e a evolução das funções cognitivas, e que, quando isso não acontece, nos deparamos com a desarmonia entre estas. Como explicar esta desarmonia? Bem, como há uma desarmonia entre “psico” e “motricidade”, busca-se uma causalidade nas estruturas neurofisiológicas que explicariam esta desarmonia.

Mas, e quando não há um achado estrutural nas avaliações neurológicas? O que acontece quando não se pode atribuir a um prejuízo lesional ou a uma aberração biológica os sintomas dessa hiperatividade motora? O que justificaria então um comportamento hiperativo, uma vez que o exame neurológico é negativo?

Não podemos deixar de nos perguntar: de quem é a queixa sobre os sintomas hiperativos da criança? Da própria criança? Ou do adulto, que não sabe o que fazer com esta criança inquieta?

Bergès diz que não é o movimento, e, sim, o gesto que torna essa criança insuportável. A criança hiperativa introduz um não saber, um “sem sentido”, que faz com que o adulto vá buscar um sentido. Notamos que quem demanda ajuda não é a criança hiperativa, mas, sim, o adulto responsável, frequentemente o educador. O jovem hiperativo propõe uma questão ao adulto, fato sempre incômodo e desconcertante.

A partir da experiência clínica psicanalítica, é possível afirmar que a criança hiperativa é uma criança com quem não se fala. A quem não se dirige uma palavra de peso. Conforme vimos, isso precisamente empurra o sujeito para a atopia, para a falta de lugar. Ele fica na margem.

Essa criança pode até receber o olhar do adulto (e pede por

isso), mas este olhar não vem acompanhado de sua palavra. A criança que chega, que quebra o telefone, que quebra o vidro, que pula no divã, será que isso tem um sentido? Isso não tem sentido. E, se damos um sentido apressado a essa hiperatividade e a este descontrole motor, impedimos novamente a criança de falar.

É quando a inquietude se torna uma demasiada quietude.

Bergès propõe então que, ao recebermos uma criança hiperativa, em vez de tentar controlá-la, segurá-la, que possamos tentar lhe falar da morte. Ao falarmos da morte com esta criança, ela irá parar, sentar e ouvir, pois a excitação motora, a falta de atenção, serve de bandeira contra a pulsão de morte (contra aquilo que não pode ser dito, mas que, entretanto, precisa ser dito). É preciso colocar palavras, trazer para o campo Simbólico, nomear a perda, para que uma criança possa se acalmar.

Já vimos que, assim como ocorre no adolescente, quando uma criança não pode ser escutada, a motricidade vem tomar o lugar da palavra. A isto, chamamos de atuação. Ao privar uma criança ou um adolescente de palavra, eles atuam motoramente.

A hiperatividade também deve ser lida como um sintoma da falta de intervalo, e, por isso, pipocam os relatos de crianças que simplesmente não dormem, não descansam. Um apagamento tão necessário, mas que ali não pode acontecer. A insônia é um dos sintomas mais comuns atualmente na clínica de crianças e adolescentes.

Certa vez, uma paciente me dizia que insiste em dormir com o *smartphone* grudado na orelha, apesar de já ter lido numa revista científica que as ondas magnéticas não fazem bem ao cérebro e que o estímulo ininterrupto durante a noite prejudica a qualidade do sono. “Mas, é porque ouvir música me acalma”, ela me dizia. É nesse paradoxo que estamos mergulhados. O sujeito reluta para dormir, pois adormecer é uma espécie de encontro com a morte. A hiperati-

vidade é um sistema montado para não dormir, para não “morrer”. Essas crianças lutam motoramente contra a chegada do sono para não se encontrarem com a dimensão da perda.

Se a criança hiperativa nos propõe uma questão, é sobre o que sustenta um corpo. O que dá ao corpo de um sujeito sua coerência física e lógica? O que sustenta o corpo não é a imagem. Um corpo se mantém com palavras. É preciso que alguém escute o sujeito.

Enquanto médicos e familiares preferirem administrar Ritalina à criança em vez de escutá-la, teremos esse quadro dramático, de números crescentes e consequências alarmantes: como todo medicamento, há vários efeitos colaterais; a Ritalina é uma anfetamina que bombardeia o centro de vigilância – no lugar do movimento, a criança passa a ficar vigilante e concentrada.

Um único comprimido promete acalmar a criança, os pais, os vizinhos, a diretora da escola e os professores? Que milagre! Mas, a que preço?

A epidemia do século, que se alastrou pelo mundo depois que o DSM nomeou-a como TDAH, na verdade é um sintoma contemporâneo que anuncia uma ausência de lugar para o sujeito. Está intimamente ligada à falta da palavra, a essa derrisão do Simbólico que atinge a todos nós. Afinal de contas, “palavra não é aquilo que se escreve numa tela para um milhão de seguidores. Palavra é o que acontece entre um sujeito e Outro. Aquilo que acontece quando um fala e o outro escuta”⁸⁹.

Diante de tantas exigências, impostas ao sujeito desde cedo e cercando-o por todos os lados, frente ao barulho ininterrupto (mesmo que seja o som da música mais tranquila) e uma rotina entupida de tarefas, como fazer um sujeito parar? E agora, como paramos nossas crianças?

89. Cytryn Solberg, M. Citação oral feita no Tempo Freudiano Associação Psicanalítica.

Suicídio e automutilação (ausência de escrita e escrita no corpo)

Ultimamente, detecta-se um crescente e alarmante aumento de casos de suicídio (e tentativas de suicídio) entre os jovens. Em 2017, chegou ao conhecimento dos dirigentes do Centro de Integração Empresa Escola (CIEE) que um número expressivo de jovens no Brasil estaria sofrendo problemas de automutilação e também tentativas de suicídio. A instituição decidiu, então, promover um Seminário⁹⁰ para aprofundar o exame deste assunto.

Um dos temas abordados foi a relação da violência com os casos relatados. Segundo um estudo da Fiocruz, 89% da população do RJ já esteve exposta a algum tipo de evento traumático ligado à violência urbana, ao longo da vida⁹¹. Podemos imaginar as consequências daí derivadas, no campo subjetivo: transtornos de ansiedade, pânico, angústia e depressão. Também devemos considerar o uso abusivo de álcool e de outras drogas entre as consequências detectadas.

O CIEE produziu um levantamento de dados⁹², em que apresenta que, apesar da instituição ter um fio condutor em suas ações

90. Realizado em 14 de setembro de 2017, no Tribunal de Justiça do RJ.

91. Levantamento publicado em *Cadernos CIEE Rio*, número 11, 2017.

92. Idem.

que perpassa pelo desenvolvimento social, pela preparação, qualificação, mediação e inserção dos jovens no mundo do trabalho, nos últimos anos, tem sido cada vez mais crescente o número realizado de atendimentos na área da saúde mental, estes se apresentando cada vez mais graves. Foi identificado um crescimento significativo da demanda por atendimento psicológico na faixa etária dos jovens atendidos pela Instituição.

“Nossos jovens estão adoecendo”, é o que ouço de um dos dirigentes. Em 2017, foram recolhidos dados sobre a necessidade de atendimento desses jovens. Dos 236 encaminhamentos feitos para a área de psicologia ou psiquiatria, 106 foram causados por questões severas relacionadas à saúde emocional, transtornos graves e comportamentos autodestrutivos, atingindo um espantoso percentual de 45% dos encaminhamentos.

Algumas estatísticas mostram que cerca de 5% da população mundial sofre de depressão, e de 10 a 25% das pessoas apresentam um episódio depressivo em algum momento da vida. Cerca de 800 mil pessoas cometem suicídio a cada ano, sendo essa a principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos. Em relação à automutilação, embora não haja pesquisas definitivas, estima-se que, mundialmente, 20% dos jovens já a tenham praticado em algum momento da vida, e a suposição é de que o Brasil obedeça a esses mesmos números⁹³.

Por que será que o jovem tem se apresentado mais suscetível a se lançar nisso que chamamos de passagem ao ato, essa saída em ato de um lugar insuportável, ou mesmo da ausência de lugar? As passagens ao ato não são mais do que consequências de um encaideamento de mecanismos lógicos do sujeito que não puderam ser reconhecidos a tempo.

Os jovens “deslizam do desvario ao desespero e se precipitam

93. *Cadernos CIEE Rio*, Seminário Automutilação e Suicídio, 2017.

em comportamentos impulsivos, em fugas, tentativas de suicídio, condutas perigosas, cuja gravidade frequentemente dramatizada não nos deve deixar esquecer o tempo de encenação que a precedeu⁹⁴.”

A adolescência é uma passagem, um momento que traz por natureza uma atopia mais radical. O CIEE é uma Instituição que cuida do sujeito nesse momento entre a infância e a vida adulta, entre a escola e a primeira experiência de trabalho. Há muitos “entre” em jogo para ele, nesse momento agudo.

Uma vez que o sofrimento do jovem resulta, em muitos casos, de uma falha da autoridade Simbólica, ele termina por dirigir, inconscientemente, essas encenações àqueles que estão mais próximos a ele, àqueles que ocupam para ele um lugar de responsabilidade no convívio social. Se esse responsável, solicitado como autoridade Simbólica – psicanalista, pais, educadores – se dispuser a ouvir o jovem (para além de vê-lo), se dispuser a receber esse endereçamento considerando que há ali, na verdade, uma voz que busca desesperadamente ser escutada, talvez possa evitar as consequências radicais e o agravamento de alguns casos.

Essa recente situação – de serem receptáculos de um endereçamento importante vindo dos jovens – tem levado esses profissionais a preocupações extras, pela responsabilidade que passaram a ter (muito a contragosto) com uma “transferência selvagem”⁹⁵ que vem dos jovens, distinta da transferência que acontece num consultório psicanalítico. Nesse sentido, esses profissionais recebem do jovem um surpreendente investimento, sem que necessariamente estejam preparados para isso, sem que tenham conhecimento, de

94. FORGET, J. M. *Os transtornos do comportamento: onde está o rolo?* Porto Alegre: CMC Editora, 2011.

95. Forget se refere à uma transferência selvagem, experimentada nos corredores de uma instituição, seja de ensino, seja um CAPS ou um hospital.

antemão, da necessidade dessa disponibilidade de escuta. Alguns estão longe de supor a gravidade dessa expectativa que o jovem coloca sobre seus ombros: a busca de uma autoridade simbólica que permita que ele encontre algum sentido naquilo que só podia se manifestar, até então, como ato, encenação.

O jovem supõe um saber⁹⁶ nessa figura de endereçamento, e isso tem tido um peso a mais, trazido uma dificuldade extra para os profissionais que lidam com os jovens nos dias de hoje. Os mais próximos se encontram arrastados para uma situação de impotência por verem muitas vezes suas intervenções fadadas à insuficiência e ao fracasso. “É preciso um tempo de explicações para fazê-los apreender que a ineficácia de sua intervenção não é propriamente uma incapacidade de sua parte, mas que ela resulta de uma impossibilidade. É ao preço dessa compressão que eles podem aceitar não se deixar levar pelo que induz a encenação, protelar suas reações. Convém, então, num primeiro momento, estabelecer as condições de confiabilidade da fala por intermédio de um interlocutor que desempenhe o ofício de autoridade simbólica⁹⁷.”

Essas manifestações encenadas pelos jovens se referem a algo que “se dá a ver”, mas é preciso assinalar que diferem da “mostração” da histórica. “São testemunhos da desorganização do equilíbrio do psiquismo de um ser, que se revelam em seu corpo e que recobrem muitas vezes expressões de linguagem corrente: ‘ficar com as pernas cortadas’, ‘tremor da cabeça aos pés’, ‘ter o coração na boca’, ‘estar cego de amor’, que de perto ou de longe são as expressões corpóreas de desejos sexuais⁹⁸.”

96. A “suposição de saber” é uma formulação lacaniana que resume a situação, de saída, que está em jogo numa transferência: o paciente supõe que o analista sabe sobre ele o bastante para curar suas dores e seus males.

97. FORGET, J. M. *Os transtornos do comportamento: onde está o rolo?* Porto Alegre: CMC Editora, 2011. p. 31.

98. *Ibidem*, p. 28.

Essas manifestações encontram seu freio e seu lugar de chegada no corpo, e testemunham contundentemente que o sujeito está enredado num afeto não dito. Ele se queixa disso, e sua queixa – seu pedido de socorro – são sinais evidentes que podem ser percebidos pelo responsável que o acompanha, quando solicitada a ajuda na busca de uma saída melhor.

Para o jovem, as passagens ao ato surgem em geral ao final de uma sucessão de encenações e falas que não puderam ser escutadas.

Sem generalizar (pois se trata justamente de uma escuta do sujeito, e que só pode se dar caso a caso), podemos fazer uma leitura de que a automutilação é um dos efeitos de uma “escrita” que, por não se dar no plano Simbólico, precisa se realizar no corpo.

Há transmissão de saber sem falta?

O desejo anda escamoteado na cultura moderna. Mas o desejo nunca significou uma convivência pacífica para o sujeito. Desde a descoberta freudiana de que há algo na subjetividade que comanda as ações, para além das decisões volitivas, uma divisão entre o que se quer e o que se deseja tornou-se evidente. Numa conferência dirigida aos americanos, já com idade avançada, Freud volta a dizer que “o sujeito não é mais senhor em sua própria casa”⁹⁹. Não estamos no comando: na verdade, a despeito de nossa vontade, somos conduzidos por uma dimensão Outra e submetidos a ela, o que leva o desejo a aparecer das formas mais incongruentes e inesperadas na nossa vida cotidiana.

Desde a descoberta de que “sonhos são realizações de desejo”, percebemos que, acordados, não chegamos nem perto de realizar o que dormindo alcançamos. Há esse desacordo entre onde queremos chegar e o destino para onde, de fato, o desejo nos encaminha. Embora os sonhos sejam realizações de desejo, dificilmente o satisfazemos na vida real¹⁰⁰.

99. FREUD, S. (1933) Novas conferências introdutórias. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

100. FREUD, S. (1900) A Interpretação dos sonhos. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. IV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Somado à nossa divisão estrutural, estamos experimentando uma era em que o laço social tem servido para abafar o que pode despontar aqui e ali como manifestação do desejo. É uma contemporaneidade onde a hiperconexão não permite lugar para a falta. São ininterruptas exigências que não deixam o sujeito sossegar, mas sobretudo que não oferecem, apesar das facilidades que promovem, um modo de funcionamento que inclua intervalos. A emergência do desejo acaba não tendo espaço de pausa.

Já a aprendizagem, essa é uma ação que demanda espaço e tempo. É um processo, um atravessamento, e travessias longas andam em baixa nos dias de hoje. Os jovens que ingressam no mercado de trabalho apresentam pouca resiliência no que tange a suportar qualquer processo. É a exigência de imediatismo que os comanda.

Além disso, a hiperexposição a que se submetem, cativados que estão pelas redes sociais, repercute num distanciamento da realidade compartilhada, necessária para que qualquer saber se transmita. O jovem é convocado a mostrar o seu melhor nas redes, exaltando a dimensão ideal da felicidade inalcançável, que confere pouco ou nenhum lugar para a curiosidade, motor de qualquer interesse na aprendizagem.

Faço aqui uma importante distinção entre aprendizagem e saber. A aprendizagem demanda atenção e cognição. Pode ser hoje em dia facilmente adquirida através de uma tela, dispensando inclusive a figura humana do professor, conforme comprovam as cada vez mais frequentes ofertas de ensino a distância. Já o saber não se articula somente com elementos da consciência (atenção e cognição), não equivale à apreensão do conhecimento (no sentido tradicional da relação simétrica entre um sujeito que conhece e aquilo é passível de ser conhecido), mas se articula numa subjetividade que também é inconsciente, e que se inscreve no discurso do sujeito.

O saber é sempre uma elaboração pessoal, algo que se esta-

belece na vida do sujeito e é comprovado por seus atos. Sobretudo, se este saber é inconsciente, ele por vezes se manifesta à sua revelia, interferindo nas diversas situações cotidianas, inclusive seus estudos e seu trabalho. É um saber que escapa às determinações volitivas do sujeito. É um saber que ele precisamente ignora.

Portanto, a transmissão de um saber é algo subjetivo, e não prescinde da presença do Outro. Já uma aprendizagem, para que ela aconteça, é preciso que esteja apoiada em elementos da psicologia que o sujeito normalmente consegue operar sozinho.

Mas para haver alguma transmissão de saber, é preciso que haja falta. E este é um processo que incide desde cedo no sujeito. Cito um exemplo que ilustra a seriedade do que está em questão: quem, senão os próprios pais, colocam nas mãos dos filhos pequenos, no momento mesmo da adaptação na escola (primeira sede de entrada no social), um *smartphone*? É paradoxal: os pais alegam que é para que fiquem mais tranquilos (quem, filhos ou pais?), mas é justamente esse movimento que gera intranquilidade. A começar por ser um gesto que faz recair uma desconfiança sobre a instituição que está recebendo a criança. E, para que haja transmissão de saber, é preciso que haja confiança. Esse é o princípio básico de uma análise, e vale para a situação escolar também.

Novamente, é um exemplo que evidencia a dificuldade de separação que permeia grande parte das relações sociais. Nos habituamos a não estranhar que uma criança, assim tão nova, desde muito cedo (na primeira entrada na vivência coletiva), já traga nas mãos um aparelho digital que a mantém conectada à mãe. Numa ligação sem cortes, sem separação com a mãe. É como um cordão umbilical ambulante! Mas ainda mais moderno: um cordão *wireless*, sem fio. Que enorme diferença para o carretel de linha freudiano.

Esse exemplo do aparelho móvel no momento da adaptação escolar também ilumina outro aspecto importante: o uso excessivo

da tecnologia tem nos colocado sob a batuta de uma vigilância, cada vez mais presente e que também nos habituamos a minimizar. Passamos a estar permanentemente sob os olhares das câmeras.

Paradoxalmente, proliferam-se inúmeras novas terapias e práticas ofertadas num catálogo que, distantes do que a Psicanálise propõe há mais de um século, visam adequar, moldar o sujeito ao seu ideal de aparência, pautando-se numa estrutura puramente narcísica e autoreguladora, de funcionamento automático e que impede a subjetividade – única via efetiva para cravar a singularidade que garante o lugar de cada sujeito no mundo.

Não à toa, estamos vendo a descoberta clínica e sua aposta na palavra e no Inconsciente serem obscurecidas pela disseminação de inúmeros *coachings*, programas de autoajuda, difusão de soluções de estética que incluem intervenções no real do corpo, além, sobretudo, do aumento impressionante do consumo cada vez mais frequente (e excessivo, como vimos) de medicamentos psiquiátricos.

Ao longo do meu trabalho na clínica e também nas escolas do Rio de Janeiro atendendo crianças, adolescentes e seus pais, me impressiona a frequência com que os responsáveis buscam auxílio psiquiátrico antes mesmo de pedir ajuda ao psicanalista. É digno de curiosidade que prefiram fazer um largo percurso, terceirizando funções, circulando do pediatra ao psiquiatra, passando por todas as práticas psicopedagógicas e de *coaching*, até chegar ao lugar onde poderão finalmente encontrar a chance de um trabalho com a palavra.

Esse trabalho pressupõe uma suposição de saber – mas um saber que é pautado na garantia de que resta sempre um não saber. Dadas as nossas condições estruturais, nem tudo se pode saber – esse é um fato dado pela estrutura. Esse momento de chegada também supõe um endereçamento ao Outro que permite folga, abertura para o enigma. Para que isso ocorra, é preciso que a via de

acesso para a passagem de uma transmissão não esteja completamente obturada por quilômetros acumulados de conhecimentos e aprendizagens.

É no exercício do convívio com o outro e do enfrentamento do encontro com o Outro que uma transmissão de saber acontece, sem que se entenda muito como. É precisamente isso que, há milênios, vem garantindo a sobrevivência da espécie humana, essa nossa espécie insatisfeita e curiosa.

Há lugar para o luto hoje?

“**S**e queres suportar a vida, prepara-te para a morte”, anuncia Freud¹⁰¹. Há uma poção incontrolável, irresoluta e insaciável na experiência humana, poção intimamente ligada à perda. Estar vivo é poder usufruir das delícias do desejo, mas é também encarar a dor das perdas.

A Psicanálise designa à perda um lugar de extrema importância. Em *Luto e melancolia*¹⁰², Freud sacramenta um dos fundamentos da clínica psicanalítica, nos convocando a reconhecer os benefícios psíquicos do trabalho de luto – que, em lugar de perpetuar a tristeza e represar a libido (tal como ocorre na melancolia), permite ao sujeito liberá-la na direção de novos investimentos. Movimento doloroso, mas fundamental para garantir a saúde e a continuidade da vida.

A experiência da perda (enquanto brevidade, finitude) figura entre as questões mais importantes e presentes na clínica. O que

101. FREUD, S. (1915) Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

102. FREUD, S. (1911) Luto e melancolia. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

mais aflige o sujeito, senão a verificação cotidiana e real de que tudo que é vivo um dia termina?

No entanto, há casos em que esse trabalho de luto fica impedido de se realizar. Muitos desses casos evoluem para quadros depressivos. Na última década, dado o aumento imenso de casos de depressão, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu-a como a doença do século¹⁰³. Na esteira disso, a prescrição de medicamentos oferecidos como solução, também nessa área, vem se tornando cada vez mais comum.

A depressão é um transtorno caracterizado pela tristeza persistente e pela perda de interesse quase total em atividades habitualmente prazerosas. Segundo um levantamento do Ministério da Saúde¹⁰⁴, feito entre os anos de 2015 e 2018, essa condição psíquica foi responsável por um aumento de mais de 50% nos atendimentos ambulatoriais e internações no Sistema Único de Saúde (SUS). Na faixa etária entre 15 e 29 anos, o crescimento dos atendimentos no SUS foi de 115%.

Segundo esse levantamento, o aumento nos dados colhidos pode estar relacionado à maior procura pela assistência, mas não foi descartado um possível aumento nos casos também na população que sequer procura ajuda. Entre 2011 e 2018, foram notificados 339.730 casos de violência autoprovocada, 33% deles classificados como tentativa de suicídio. Jovens entre 15 e 29 anos representam 45% deste total. Os estudantes são 30% dos casos notificados.

No Brasil, estima-se que 14,1 milhões de pessoas tenham diagnóstico de transtornos ou sofrimentos mentais, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2013. Segundo a OMS, o núme-

103. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE . A saúde mental pelo prisma da saúde pública. Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: OPAS/OMS, p.1-16, 2001.

104. Esse levantamento do Ministério da Saúde foi divulgado em 18 de setembro de 2019.

ro de pessoas diagnosticadas com depressão aumentou 18,4% nos últimos dez anos¹⁰⁵.

Pesquisas também apontam a depressão como um problema especialmente significativo hoje entre crianças e adolescentes, por já estar listada como a segunda maior causa de morte entre indivíduos de 10 a 24 anos de idade¹⁰⁶.

Hoje, mais da metade das pessoas que consultam um psiquiatra na França o fazem por questões depressivas, confirma Melman¹⁰⁷. E podemos afirmar que isso também se verifica no Brasil. O sujeito deprime, ele diz, quando tem o sentimento de não ter mais valor aos olhos do Outro. E esse valor é essencialmente fálico.

Ele expõe um exemplo: as mulheres deprimem ao entrarem na menopausa porque elas têm o sentimento de que seu valor fálico aos olhos dos outros está perdido. Se pensarmos nos casos de depressão, perceberemos que é sempre o mesmo mecanismo que está em questão: uma desvalorização diante do Outro.

Melman diz que parte do nosso humor está ligada à relação que temos com o ideal, que ocupa o lugar do Outro. Se somos amados pelo ideal, tudo vai bem. Mas, se “nos sentimos em falta com ele”, caímos em depressão. Lacan também aborda o tema da depressão¹⁰⁸ alegando que é comum, nesse estado, nos remetermos a uma autoridade Imaginária ideal para regularmos o nosso humor, quando, na verdade, cada um deveria ser responsável por seu próprio humor. É assim, desde o Estádio do Espelho, e vale para todos:

105. IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde 2013: Percepção do estado de saúde, estilos de vida e doenças crônicas – Brasil. Rio de Janeiro, 2014.

106. DWYER, J. B.; BLOCH, M. H. Antidepressants for Pediatric patients. *Current Psychiatry*, v. 18, n. 9, 2019.

107. MELMAN, C. *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC Editora, 2003.

108. LACAN, J. Televisão. In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

somos seres de cultura, nos ajustamos e nos moldamos frente ao olhar do Outro.

Os desafios colocados pela modernidade impõem ao sujeito uma situação mais complexa ainda, criam problemas extras: o sentimento de dignidade humana, que estava ligado ao valor fático, hoje está ligado ao valor mercantil. Em vez de buscarmos nossa referência em uma dimensão vertical (família, escola), buscamos no valor Imaginário que os outros nos atribuem. Essa prevalência do Imaginário sobre o Simbólico pode ser uma das razões do aumento de casos de depressão.

Segundo Melman, “a particularidade dos intercâmbios econômicos faz com que o valor comercial de cada um esteja submetido a circunstâncias aleatórias, imprevisíveis e que não dependem das próprias qualidades”¹⁰⁹. Vemos a todo momento aparecer uma nova tecnologia, varrendo o talento e a especialização do sujeito obtidos com esforço, e jogando-os no lixo! De uma hora pra outra, o sujeito passa a não valer mais nada. Então, tornou-se comum que estes valores mercantis sejam determinantes do humor do sujeito. É claro que as circunstâncias da vida conjugal e familiar ainda têm um impacto sobre este valor, mas é também em relação ao valor mercantil que um sujeito se mede.

Em outros tempos, o reconhecimento da dignidade humana era adquirido por uma sanção simbólica – por exemplo, por uma bênção. Hoje, isso não funciona mais. O que mais vale hoje em dia é o valor mercantil, e o sujeito luta permanentemente para ter esse valor reconhecido pelos outros (o valor da qualidade da participação do sujeito nas trocas sociais, comerciais e mercantis)¹¹⁰.

Ao mesmo tempo em que o Inconsciente é uma história pri-

109. LACAN, J. Televisão. In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

110. Idem.

vada, singular, que vale para cada sujeito, a Psicanálise nos ensina que o recalque, a proibição, o limite, a interdição, tudo isso provém de um consenso social. Participar do social é partilhar com alguns outros esse recalque. Se não partilho, sou excluído. Compartilhamos com os outros um limite em comum, próprio ao meio cultural onde estamos inseridos. É nesse sentido que Lacan postula que “o Inconsciente é o coletivo”.

Portanto, a questão da depressão não é somente individual, mas social. Se o valor do indivíduo passou a estar engatado às leis do mercado, joga-se fora (como se joga fora uma pilha usada) aquele profissional que, da noite para o dia, perdeu seu valor mercantil. É o que vemos acontecer por parte das empresas em relação aos jovens. A liquidez nas relações de trabalho é a consequência mais evidente do que estamos sublinhando.

Para um psicanalista, cuja ferramenta é a palavra, se trata de cuidar do paciente com depressão muitas vezes em parceria com os psiquiatras que medicam. Mas não podemos nos esquivar de colocar para o sujeito uma questão sobre seu valor – valor que precisa ser escutado para além do mercantil, que escape dessa lógica puramente mercadológica, para que ele possa se confrontar com alguma responsabilização.

Quando Freud escreveu *O Mal-estar na Civilização*, tributando ao recalque (análogo à entrada na cultura) o preço pago pelo sujeito e sua responsabilização – não somente para ingressar no mundo adulto, mas sobretudo na constituição de uma subjetividade –, não previu o que estamos vivenciando hoje. Com a crise de saúde, social e econômica provocada pela pandemia do Covid-19, tudo isso se intensifica.

Atualmente, vemos a depressão tomar o lugar comum que, na época de Freud, foi ocupado pelas neuroses de defesa. Cada tempo tem as suas doenças. Mas, que lugar resta ainda para o mistério,

para o desconhecido e para a surpresa, enfim, que lugar resta ainda para o Inconsciente, num mundo em que a liberdade total de expressão e a pregnância de uma cena iluminada por todos os lados dispensa tão assertivamente o recalque?

A depressão também acende um sinal amarelo necessário que serve para lembrar o que nos diferencia de outros animais: o fato de que, para o humano, há morte. Não apenas a decomposição natural de um corpo orgânico vivo, mas a morte tal como a sentimos. A morte humana é experimentada como perda. O luto não é um trabalho fácil e, atualmente, é preciso cavar com uma força enorme seu lugar na cultura.

É praticamente proibido sentir-se triste hoje em dia. Lembrome do depoimento sentido de uma aluna num dos cursos que ministrei na Casa do Saber-Rio: “Perdi meu marido depois de 30 anos de casados. No sábado seguinte ao enterro, minhas amigas praticamente me obrigaram a ir ao cinema. Diziam que se eu ficasse em casa, era porque estava deprimida.”

Uma das causas que Freud atribui ao extremo sofrimento humano, ao “alheamento deste mundo outrora belo e conveniente”, é essa perturbação que experimentamos em relação à morte. “Cada um deve à natureza uma morte”¹¹¹, diz ele, atribuindo à morte um resultado necessário da vida, tanto natural quanto inegável e inevitável.

Esta frase, Freud retira de Shakespeare, em Henrique IV: “deves a Deus uma morte.”¹¹² Mas, na verdade, nos comportamos de

111. FREUD, S. (1915) Nossa atitude diante da morte. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

112. Freud a cita outras duas vezes: em FREUD, S. (1900) A interpretação dos sonhos. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1969., e na Carta a Fliess de 6 de fevereiro de 1899, Carta 104, da ESB.

modo diferente. Vivemos como se pudéssemos driblar a morte, eliminá-la da vida. Tentamos silenciá-la. O que a prática psicanalítica confirma é que “no fundo, ninguém crê em sua própria morte, ou, dizendo a mesma coisa de outra maneira, que, no Inconsciente, cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade”¹¹³.

Isso significa dizer que não há representação da morte no Inconsciente. Mas o sentimento de perda nos permite ter algum contato com a finitude. A perda – isto é, a castração: essa é a morte de que se trata para a Psicanálise. É dessa que tratamos.

113. FREUD, S. (1915) Nossa atitude diante da morte. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Um novo pacto social?

O recurso às instâncias jurídicas aos poucos foi-se tornando a forma mais corriqueira que o sujeito encontrou para resolver o mal-estar decorrente de suas relações sociais.

O princípio subjetivo da Lei, com L maiúsculo, a partir do qual surge a lei no sentido jurídico do termo, Freud o conceitua em *Totem e Tabu*¹¹⁴. Ali, ele desenvolve a hipótese de um mito para referendar o que teria sido o início da civilização. Expõe a questão do parricídio como uma metáfora para demonstrar a lógica sobre a qual se funda o mecanismo da cultura, com seus diversos vínculos sociais. O pai original, excluído da lei, é quem propriamente funda uma proibição, baseada, inicialmente, sob a mais profunda arbitrariedade. Sua morte elimina essa proibição, mas também a transforma num elemento intrínseco à cultura, algo em torno do que os homens passam a estar reunidos.

Vemos o Direito atualmente infiltrar-se nas relações afetivas e de trabalho. Ele foi tomando feições “próximas às de um direito do consumidor, do qual o sujeito se serve de forma a garantir o

114. FREUD, S. (1913) Totem e tabu. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

seu bem-estar, tratando-o como mais um dos objetos disponíveis no mercado”¹¹⁵. É um direito a serviço de uma realização pulsional que demanda por uma satisfação total, e não a serviço da renúncia que ela impõe. “Entretanto, a observância e a submissão às suas leis abrangem somente um dos aspectos envolvidos na submissão a uma Lei maior – posto lhe ser anterior – e que constitui seu fundamento e condição de possibilidade”, diz o psicanalista Czermak¹¹⁶.

Czermak se refere à Lei compreendida pela Psicanálise como incidindo no sujeito de forma inconsciente e para além de sua vontade – são as leis da linguagem. Trata-se de uma Lei maior e anterior a todas as leis positivas. E que irá instituir, constituir, a relação do sujeito com a ordem simbólica, como vimos, e da qual o Direito e suas leis são apenas derivados. Essa estrutura simbólica engendra necessariamente uma perda irreparável, algo impossível de se fazer representar¹¹⁷.

“Há, portanto, uma relação inextricável entre a estrutura da linguagem e as interdições impostas pelas leis que regulam o pacto social. Isso porque estas, ao ensejarem uma perda para o sujeito – as renúncias à livre satisfação a que nos referimos anteriormente – tornam-se representativas da dimensão de perda imposta pela própria estrutura da linguagem”¹¹⁸.

O Direito atual acabou se tornando um dispositivo do qual o sujeito pode se servir a seu bel prazer, da mesma forma como se

115. VIDAL, N.; LO BIANCO, A. C. De um direito do consumidor: sobre a desresponsabilização do sujeito. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, 2016.

116. Marcel Czermak, membro da Association Lacanienne Internationale.

117. Sobre isso, recomendo a leitura: PACHÁ, A. *A vida não é justa*. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2019.

118. VIDAL, N.; LO BIANCO, A. C. De um direito do consumidor: sobre a desresponsabilização do sujeito. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, 2016.

serve de todos os outros bens de consumo dispostos nas prateleiras do mercado. Isso significa um retrocesso quanto à questão de sua responsabilidade: “O sujeito estará isento de sua sustentação desde que a mesma imponha um limite à satisfação que ele então entende como lhe sendo devida – motivo pelo qual atualmente qualquer sanção passou a ser vivenciada como um logro. Esse processo configura-se ainda mais grave ao considerarmos o que trouxe Lacan quanto às formas de estruturação do laço social: nelas, o que possibilita a passagem para outro tipo de funcionamento é o confronto do sujeito com o impossível. Ao responder a toda e qualquer demanda, o Direito atual impede que lhe seja franqueada a cesura fundamental capaz de permitir outro posicionamento, no qual o sujeito venha a se responsabilizar por aquilo mesmo que o constitui, bem como pelas nossas instituições, na medida em que elas fazem referência à perda inerente à estrutura da linguagem. Ao extremo, esse processo culmina com a abolição ou o enfraquecimento do laço social. (...) Já não estaremos, pois, diante de instituições e bens comuns, uma vez que, nelas, os sujeitos já não se reconhecerão como estando de alguma forma representados¹¹⁹.”

O Direito atual vem conversar de perto com a insatisfação constitutiva do sujeito. Mais do que isso, ele se propõe a responder a essa insatisfação. Ele estipula que qualquer reivindicação seja legítima e deve ser satisfeita; caso não seja, recai no terreno da injustiça e do dolo. Não é mais aceitável hoje que alguém fique sem realizar sua satisfação. O que não tem remédio deve ser remediado e a justiça põe-se a esse encargo. Daí a sobrecarga de casos, de processos se empilhando, não apenas no Brasil mas em nível global. O sujeito, que deveria poder ser suscetível de experimentar uma

119. VIDAL, N.; LO BIANCO, A. C. De um direito do consumidor: sobre a desresponsabilização do sujeito. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, 2016.

insatisfação, se vê ao mesmo tempo identificado como vítima e cujo prejuízo deve ser sem demora reparado. Reparação para quem quer ser reparado!

Com isso, pouco a pouco, apaga-se a alternativa de uma impressão digital, marca que cada sujeito deveria poder produzir. O termo “impressão digital” contém um paradoxo bem representativo do que acontece na modernidade: ali onde o sujeito poderia exercer sua singularidade (lugar da perda que só a ele cabe e que o define como sujeito), ele se encontra massificado, dominado por uma pasteurização que lhe retira qualquer chance de inventividade.

“Nessa atual dinâmica capitalista, a experiência humana é tomada como matéria-prima para se extrair valor a partir dos dados e de técnicas de inteligência de máquina. O imenso volume de dados que compõem hoje a escala do *big data* alimenta diferentes processos de inteligência artificial que buscam tornar visíveis, inteligíveis, operacionalizáveis e comercializáveis todas essas informações. É, portanto, por meio do conhecimento produzido a partir desses dados e desses processos automatizados que se elaboram diferentes estratégias para conduzir nosso comportamento: desde nos fazer clicar em um link, assistir a um vídeo, visualizar um conteúdo, enviar uma mensagem, fazer um cadastro, comprar um produto, contratar um serviço ou, até mesmo, influenciar o nosso voto. Desse modo, a arquitetura da internet e da economia digital vem criando novas formas de controle nas sociedades contemporâneas¹²⁰.”

Essa tendência totalizante da ciência se expande e arrisca que percamos os freios. Arrisca nós mesmos virarmos bens de consumo: “Cada emergência de um instrumento teórico novo dá lugar mais cedo ou mais tarde à retomada deste instrumento para a pro-


120. BENTES, A. Efeitos de um mundo conectado: tecnologia, controle e subjetividade. MediaLab UFRJ, 2019.

dução de bens de consumo que alimentarão máquinas (computadores, chips), softwares ou ainda corporações e, no limite, cada um de nós¹²¹.”

Diante do que foi exposto aqui, reitero que um bom prognóstico passa por oferecer um lugar de escuta para o sujeito. Enquanto as Instituições de ensino puderem sustentar esse lugar de alteridade, enquanto puderem ser um espaço que oferece abrigo para o sujeito, a existência do Inconsciente – enquanto lugar da surpresa, da diferença e do relançamento ao que é verdadeiramente novo (não estamos falando de inovações tecnológicas) será uma guardiã da humanidade.

121. LO BIANCO, A. C.; COSTA-MOURA, F. Inovação na ciência, inovação na Psicanálise. *Ágora*, v. 20, n. 2, 2017.

Portais virtuais x portas reais, ou para concluir.



Não devemos recair num saudosismo ou num pessimismo diante do mundo como ele está, ou melhor, do mundo como ele é. Ao contrário, é preciso evitar essa cilada. Exercitar o que “deveria ter sido”, ou o que “já era” não ajuda o psicanalista a fazer o que deve.

A Psicanálise trata da vida como ela é, há mais de um século. Apesar de todas as diferenças derivadas da atual economia, montada menos no recalque e mais na exibição do gozo, o sujeito ainda precisa endereçar ao Outro a sua angústia.

É verdade que, atualmente, respiramos por aparelhos¹²², no sentido de praticamente já não desgrudarmos desse objeto cativante por onde passam quase todas as nossas relações, nossos laços. Mas ainda respiramos: produzimos cultura, obras de arte. Ainda nos alimentamos da presença de outros. E o mundo se tornou mais libertário e o sujeito inventou alternativas viáveis para levar uma vida facilitada.

O que seria da humanidade sem os recursos tecnológicos, principalmente os que encurtaram as distâncias, no abrupto isolamento social vivido em plena pandemia de 2020?

122. Frase da psicanalista Ana Cristina Manfroni, proferida no Seminário do Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, em 2019.

No jovem, as incidências da tecnologia se abatem mais intensamente. Por isso, a sua busca de integração na vida coletiva é um trabalho ético, no qual todos estão envolvidos: família, escola, universidades, empresas... Nesse “entre” em que ele se encontra, travessia difícil de percorrer, é preciso oferecer-lhe um lugar de escuta.

A Psicanálise inaugura no final do século XIX uma clínica que se dispõe a ouvir os barulhos de um sujeito, os desejos em desacordo que clamam por alguma voz e os sintomas derivados do sufocamento desses desejos. Pulamos, em muito pouco tempo, desse modelo de clínica que escutava o sujeito e seu recalque para a verificação da existência de um sujeito mais liberto, ativo, com múltiplas escolhas, que tem posse de suas ações e domina seus conhecimentos, um sujeito certamente mais autônomo. O problema hoje não é mais o recalque, mas o descarrilamento do sujeito quando agindo em puro gozo. Enquanto cultura, não nos reunimos mais em torno de um mesmo recalque, mas em torno de um mesmo gozo: vivemos nessa festa perpetuada em que é proibido ficar triste, é proibido ser sozinho, é proibido envelhecer, em suma: é proibido proibir.

O gozo é um excesso e vimos até onde os excessos podem conduzir um sujeito. Parece simples: se formos predatórios com o planeta, não sobrarão planeta para as próximas gerações. Se formos excessivos com o nosso corpo, ele irá pifar. Então se trata, inevitável e fundamentalmente, de um limite. Mas acontece que o limite, para a Psicanálise (na contramão do que as leis do mercado propagam) não é o bandido a ser evitado.

No início, evoquei um dos textos mais preciosos e impactantes de Freud, *Sobre a Transitoriedade*. Essa narrativa literária nos coloca uma questão básica, presente ainda no dia a dia da modernidade, sobre a tristeza que advém do fato de que tudo é passageiro. Freud subverte essa ideia alegando que, ao contrário, a finitude implica num aumento do valor que atribuímos ao que nos cabe desfrutar.

O trabalho que realizei no Instituto Nacional do Câncer (INCA), Rio, assistindo a alguns pacientes terminais, me fez perceber que, diante da notícia do término da vida, por vezes o sujeito se lança num aproveitamento dos dias que antes não era experimentado ou permitido. A proximidade do fim pode levar alguém a viver os momentos que restam mais intensamente, de forma mais comprometida com o desejo. A presença de um limite aproxima os laços e o autoriza a suspender algumas amarras que vinha carregando.

O recalque (essa barra, sem a qual estaríamos perigosamente comandados pelo puro gozo, e que nos restringe ao mesmo tempo em que é um agente civilizatório e necessário para o laço social) fica em cheque, diante da presença da morte.

Mas, a urgência que vi nesses casos em nada se assemelha com a pressa – essa hiperatividade cotidiana que experimentamos. Sim, o desejo urge. Já a pressa é apenas a escrava de uma demanda que não leva o sujeito a nenhum lugar real. A pressa somente lança o sujeito num jogo Imaginário de telas que se retroalimentam enquanto abafam a sua verdadeira voz.

Somos incapazes de obturar em definitivo o desejo que urge. Ele insiste, apesar das maravilhosas ofertas tecnológicas, do novo aplicativo que promete organizar, compactar e resolver a nossa angústia. Algo sobra, há sempre um resto, recolocando em movimento a vida.

Paradoxalmente, é a presença da finitude que nos garante a prorrogação de um fim.

Em *Análise terminável ou interminável*¹²³, a questão sobre haver ou não um fim é novamente tematizada por Freud. Ali observamos esse mesmo homem, que havia proposto ao mundo que o suor

123. FREUD, S. (1937) *Análise terminável ou interminável*. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. V. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

e as dores de uma análise viabilizam para um sujeito a chance de transformar seus começos, mudar seus princípios (nos dois sentidos), deparar-se com um rochedo intransponível quanto aos resultados obtidos no final de uma análise. Rochedo que desembocará (ele mesmo emprestando-se a isso, já abatido pelo agravamento do câncer que o consumia e experimentando mais radicalmente na carne a proximidade do final da vida) na revelação de seus próprios limites, juntamente com os limites que se tornavam mais evidentes na Psicanálise.

Agora era Freud ofertando-nos não somente a sua obra – com seus efeitos decisivos para a história da humanidade – mas também a sua vida, e o seu corpo, colocando-se à prova quanto ao legado do que ele mesmo descobriu e sustentou ao longo de décadas.

Ao mesmo tempo, ele nos indica ali um caminho, uma via de transformação que pode se dar pela chance, oferecida para cada sujeito, de reconhecer seus limites e recriar-se a partir deste vazio, desta defasagem que ele chamou de castração.

Então, eis do que devemos tratar, sobretudo nos dias de hoje, diante dessa realidade que está posta aí: reconhecer que haja finitude, que haja limite. Ambos sendo ressaltados e experimentados no próprio corpo do sujeito, e invocados no dia a dia a cada vez que um jovem se queixa de dor psíquica, a cada vez que alguém se dirige ao outro para falar de seus sintomas (aqueles que não estão nos manuais de psiquiatria nem nas bulas de remédio) ou se vê abatido por eles. Ainda que, repetidamente, o recalque opere na direção de escamotear a presença da finitude (ao que devemos dar graças a Deus, pois, como suportaríamos viver encarando a ideia da morte a cada minuto?), o desejo insiste.

Não foi outro o susto que nos derrubou, por ocasião do advento da pandemia. Perceber nossos limites, esses que vinham sendo tão esgarçados, tão esticados ao máximo, foi um tombo do cava-

lo desgovernado em que galopávamos. Somos finitos, nos mostrou duramente o vírus invisível.

Perceber que há limite é sempre um trauma. Trata-se do reconhecimento, seja das manifestações do Inconsciente, seja da presença de um Real que insiste e retorna, ao mesmo tempo em que se renova, revelando-se como uma alternativa de novidade para o sujeito. Trata-se de escutar a dor, a desarmonia trazida pelo desejo – mas também como sinal de vida.

Há um belo fragmento de Clarice Lispector, que tão bem descreve este estado de coisas: “O hábito tem-lhe amortecido as quedas. Mas, sentindo menos dor, perdeu a vantagem da dor como aviso e como sintoma. Hoje em dia vive incomparavelmente mais sereno, porém em grande perigo de vida: pode estar a um passo de já ter morrido, e sem o benefício de seu próprio aviso prévio¹²⁴.”

Enquanto houver lugar de escuta, lugar de fala (pois é a escuta que determina a fala), haverá sujeito, com todas as suas incertezas, aspirações e fracassos. E com toda a sua possibilidade de criação.

As Instituições que se encarregam da transmissão de um saber sobre a matéria humana – escolas, ONGs, Centros de Atenção Psicossociais (CAPS), Instituições de Psicanálise etc. – devem estar atentas para o fato de terem, nos dias de hoje, a função de receber esse jovem que chega na vida adulta com essas particularidades descritas aqui. A elas cabe a necessária responsabilidade de se oferecer como lugar onde o sujeito que por ali passa seja levado em conta enquanto tal; enquanto buscando seu valor de existência.

Nesse sentido, as Instituições onde há a transmissão de um saber representam um antídoto contra a pasteurização que o uso excessivo da tecnologia pode provocar.

É preciso não esquecer que a tecnologia está a nosso serviço, e não o contrário. Não serviremos a mundo desumanizado. Não ser-

124. LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

viremos: seja no sentido de que não teremos serventia, seja porque não faremos esse perigoso papel.

Que a impressão digital de cada jovem possa servir para ressaltar suas criativas funções, para além desse uso simplificado e seguro de ligar o aparelho eletrônico que ele carrega. Aliás, há que se perguntar, sempre: quem carrega quem?

Que ele possa imprimir a sua própria digital no mundo que o espera. E que essa digital possa abrir, mais do que portais virtuais, portas reais para esse tempo em que vivemos hoje, numa respeitosa relação em que a sua razão particular de existir possa finalmente encontrar algum assento, algum assentamento.



Posfácio

Eu havia recém terminado a escrita desse livro quando a Pandemia causada pelo Coronavírus se abateu sobre a terra. Sujeitos modernos, fomos todos atingidos em nossa essência. Com a mesma velocidade descrita nesses capítulos, o mundo mudou. Primeiro, acompanhamos as atividades que aglomeravam mais de 50 pessoas serem canceladas, depois foram suspensos todos os eventos culturais, até o fechamento de escolas e, na sequência, todo o comércio foi suspenso, incluindo a redução dos transportes públicos. Na maioria dos países, ficar em casa tornou-se uma medida compulsória, um decreto de saúde pública.

Uma mudança sem volta, abrangendo vários âmbitos do comportamento humano, iniciou-se a partir daí.

De uma hora pra outra, a rotina hiperativa que levamos entrou em cheque. A hiperconectividade, que nos caracteriza tão de perto nas últimas décadas, tornou-se condição *sine qua non* do confinamento em domicílio.

Todo esse forçado recuo, esse movimento para dentro de casa, nos obrigando a rever as impressões de público e privado, somado ao medo de uma recessão econômica sem precedentes e a uma abrupta arrancada do habitual cotidiano nos colocou obrigatoriamente diante de uma reflexão sobre a vida que vínhamos levando.

A natureza foi a primeira a responder, com sua contundência habitual: os rios poluídos há décadas se tornaram límpidos em menos de duas semanas, espécies quase extintas voltaram a procriar, os males oriundos da ação do homem sobre o planeta se desaceleraram e a terra respirou.

O sujeito também respirou. E pirou. Por ocasião desse escrito, ainda não havíamos colhido todos os efeitos desse real avassalador que se instalou sobre o planeta, não sabíamos ainda quais as vastas consequências desse tempo em que o mundo, compulsoriamente, parou. Seguiríamos adiante diferentes, certamente. O sujeito, tal como descrito aqui, não seria mais o mesmo.

Teremos aproveitado o tempo de isolamento para desejar, mais do que antes, os encontros físicos, o olho a olho? Teremos aproveitado o susto para valorizar mais ainda os espaços públicos, o ar livre, a luz do sol, a convivência com os outros e toda a tolerância que isso requer (e que vínhamos desacostumados a exercitar)? Ou vamos sair dessa reforçando ainda mais a convicção de que os aparelhos eletrônicos são suficientes, de que os encontros remotos funcionam a contento e que o mundo digital basta para a nossa subsistência humana, já que sobrevivemos perfeitamente bem por um tempo apesar do distanciamento social?

O futuro reservado a nossos jovens depende do que fazemos hoje. Os tempos são outros, em que o efêmero e o transitório, descritos por Freud há mais de um século, ganharam outro estatuto.

Num clique.



SANDRA NISKIER FLANZER

Psicanalista, atende desde 1991. Escritora. Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre e Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ (desde 2003). Especialista em Psicanálise pelo Centro de Ensino, Pesquisa e Clínica em Psicanálise (CEPCOP). Membro do Tempo Freudiano Associação Psicanalítica (fundado em 1991). Supervisiona equipes de educadores em escolas da rede pública e particular. É autora de 5 livros de literatura: *A pa-lavra*, Contra Capa, 2010; *Por um, segundo*, Contra Capa, 2012; *Re/talhos*, 7Letras, 2015; *Do quarto*, 7 Letras, 2017 e *O quinto (dos infernos)*, 7Letras, 2015. Autora de diversos artigos em revistas especializadas de Psicanálise. Já ministrou mais de 20 cursos na Casa do Saber desde a sua fundação (em 2009), sobre temas ligados à Psicanálise, saúde mental e suas interseções na cultura. Realizou várias conferências em empresas do Rio, São Paulo e Vitória (Bradesco, Rede Gazeta, Grupo Michelin, CasaShopping, entre outras). Atualmente, realiza um trabalho junto a Jovens Aprendizes no Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) – Rio e São Paulo – entre palestras dirigidas aos jovens (abordando os efeitos subjetivos da cultura moderna) e encontros com os instrutores que preparam esses Jovens. Em 2017, realizou o TEDx: “Sobre a obrigação de ser feliz”, sobre o tema da modernidade e suas consequências para os jovens.



Sandra Niskier Flanzer

O uso excessivo das ferramentas tecnológicas impôs, nos últimos anos, mudanças substanciais no comportamento dos jovens.

Com a pandemia, essas transformações e suas consequências psíquicas se intensificaram. Por outro lado, a vilania atribuída aos dispositivos digitais cedeu lugar aos benefícios recolhidos: sua utilidade no atravessamento da solidão e da reclusão impostas pelo distanciamento social.

O presente livro pretende analisar os novos laços sociais, constituídos através das telas e fundamentados num jogo de espelhos onde predomina o imaginário, inseridos numa dinâmica hiperativa que tende a excluir a separação e o limite – conceitos fundamentais da psicanálise, e clinicamente imprescindíveis no que tange à saúde mental do sujeito.

Essas questões – recolhidas da experiência com jovens aprendizes e educadores –, trazem à tona um debate fundamental para a nossa cultura, irreversivelmente marcada por esses novos tempos digitais.